

**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
DIRECCIÓN DE POSTGRADOS**



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

JOSEMERY ALKMIM VIEIRA DE BRITO

**DIFICULDADE DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL I DO MUNICIPIO DE CARINHANHA**

**Assunção – Paraguai
2019**

JOSEMERY ALKMIM VIEIRA DE BRITO

**DIFICULDADE DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DO MUNICIPIO DE CARINHANHA**

Tese de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade Interamericana de Ciências Sociais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Antunes Moreira

**Assunção – Paraguai
2019**

JOSEMERY ALKMIM VIEIRA DE BRITO

**DIFICULDADE DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DO MUNICIPIO DE CARINHANHA**

Tese de Mestrado apresentada ao Programa de Postgrado da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

Profa. Dra. Maria Aparecida Antunes Moreira (Orientadora)
Universidade Evangélica do Paraguai - UEP

Membro da Banca

Membro da Banca

Membro da Banca

Dedico este estudo aos profissionais da Educação que buscam enfrentar os constantes desafios de ensinar a ler e a escrever.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter colocado as pessoas certas em minha vida, agindo-O por intermédio delas, revelando o Seu amor natural e sobrenatural.

À orientadora prof^a Dr^a Maria Aparecida Antunes Moreira, por me conduzir com muito carinho e dedicação, com valiosas sugestões de leitura, fazendo-me acreditar que vale a pena acreditar na Educação como ferramenta de transformação social.

Aos meus pais Ana e José (*in memória*), meus primeiros cuidadores, onde aprendi o que é amar.

Ao meu esposo, Jorge, minha completude, e aos meus filhos: Henrique e Daniel, bênçãos de Deus. Vocês são meus amores. Obrigada!

Às minhas amigas que acreditaram no meu potencial e na minha realização pessoal e profissional.

A todos os colaboradores que, comigo partilharam angústias, dificuldades e sucessos, me permitindo sentir o lado bom da frustração e reconhecer que só é digno da realização quem luta para conquistar.

Aos meus colegas do curso de Mestrado (Turma 2017), que fizeram parte da minha história acadêmica, sou grata pelos momentos de aprendizagem.

Aos servidores da Escola Municipalizada São Francisco (diretora, coordenadora, professores e pessoal de apoio), que contribuíram de forma significativa na pesquisa.

E, finalmente, agradeço à (Secretaria Municipal de Educação) na pessoa da prof^a Edésia, pelo apoio durante o curso.

Educação não transforma o mundo.

Educação muda as pessoas.

Pessoas mudam o mundo.

(Paulo Freire)

RESUMO

A presente dissertação discorre sobre a DIFICULDADE DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE CARINHANHA-BA, com o objetivo de analisar as dificuldades do processo de ensino/aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais. Além da pesquisa bibliográfica, foi utilizada a técnica da pesquisa de campo, com a utilização de questionário de pesquisa, esta última com a análise quali-quantitativa dos dados obtidos numa escola pública municipal da cidade de Carinhanha, interior da Bahia. Foi analisada uma amostra de 10 professores (incluídos um diretor e um coordenador), dentro de um universo de 11 profissionais do ensino fundamental dos anos iniciais do referido estabelecimento educacional. A pesquisa revelou alguns equívocos por parte dos professores, como a associação da aula como ambiente de estudo, descuido com a tarefa de casa, excesso de cuidado com planejamento pedagógico e escasso uso de técnicas de estimulação/motivação dos discentes. A pesquisa mostrou, ainda, a falta de autoridade do professor em sala de aula, bem como, dos pais de alunos em relação aos seus filhos. Apesar dos equívocos, a maioria dos professores concorda que a adoção de métodos que estimulem o aluno a aprender é imprescindível para o processo ensino/aprendizagem. Todos afirmaram adotar em suas práticas pedagógicas uma metodologia voltada para a realidade do aluno. Partindo da premissa de que o conhecimento não é um produto pronto e acabado ofertado unicamente pelo professor e, levando-se em conta de que é preciso ensinar aos alunos a estudarem em casa, tendo a família como parceira, conclui-se que no processo ensino/aprendizagem deve-se observar o ciclo: aula, estudo e uma boa noite de sono.

Palavras-Chave: Dificuldade de leitura-escrita. Educação nos anos iniciais. Ensino-aprendizagem.

RESUMEN

Esta disertación discute la DIFICULTAD DE LECTURA Y ESCRITURA EN LOS AÑOS INICIALES DE EDUCACIÓN FUNDAMENTAL I, EN CARINHANHA-BA, con el objetivo de analizar las dificultades del proceso de enseñanza-aprendizaje de lectura y escritura en los primeros años. Además de la investigación bibliográfica, se utilizó la técnica de investigación de campo, con el uso de un cuestionario de investigación, esta última con un análisis cualitativo y cuantitativo de los datos obtenidos de una escuela pública municipal en la ciudad de Carinhanha, Bahía. Una muestra de 10 maestros (incluyendo un director y un coordinador) fue analizada dentro de un universo de 11 profesionales de escuelas primarias desde los primeros años del establecimiento educativo. La investigación reveló algunos conceptos erróneos por parte de los profesores, como la asociación del aula como entorno de estudio, el descuido con la tarea, el cuidado excesivo con la planificación pedagógica y el escaso uso de las técnicas de estimulación / motivación de los estudiantes. La investigación también mostró la falta de autoridad del maestro en el aula, así como de los padres de los estudiantes en relación con sus hijos. A pesar de los conceptos erróneos, la mayoría de los maestros están de acuerdo en que la adopción de métodos que alienten al estudiante a aprender es esencial para el proceso de enseñanza / aprendizaje. Todos manifestaron adoptar en sus prácticas pedagógicas una metodología enfocada a la realidad del alumno. Sobre la base de la premisa de que el conocimiento no es un producto listo y terminado ofrecido únicamente por el maestro y, considerando que los estudiantes deben aprender a estudiar en casa, con su familia como socio, se concluye que en el proceso de enseñanza / aprendiendo uno debe observar el ciclo: clase, estudio y una buena noche de sueño.

Palabras clave: Dificultad de lectura-escritura. Enseñanza-aprendizaje. La educación en los primeros años.

ABSTRACT

This dissertation discusses the DIFFICULTY OF READING AND WRITING IN THE INITIAL YEARS OF FUNDAMENTAL EDUCATION I, IN CARINHANHA-BA, aiming to analyze the difficulties of the teaching-learning process of reading and writing in the early years. In addition to bibliographic research, the field research technique was used, with the use of a research questionnaire, the latter with a qualitative and quantitative analysis of the data obtained from a municipal public school in the city of Carinhanha, Bahia. A sample of 10 teachers (including a principal and a coordinator) was analyzed within a universe of 11 elementary school professionals from the early years of the educational establishment. The research revealed some misconceptions on the part of the teachers, such as the association of the classroom as a study environment, carelessness with homework, excessive care with pedagogical planning and scarce use of student stimulation / motivation techniques. The research also showed the lack of authority of the teacher in the classroom, as well as the parents of students in relation to their children. Despite the misconceptions, most teachers agree that the adoption of methods that encourage the student to learn is essential for the teaching / learning process. All stated to adopt in their pedagogical practices a methodology focused on the student's reality. Based on the premise that knowledge is not a done and finished product offered solely by the teacher, and considering that students need to be taught to study at home with their family as a partner, it is concluded that in the teaching process / learning one should observe the cycle: class, study and a good night's sleep.

Keywords: Education in the early years. Reading-writing difficulty. Teaching-learning.

LISTA DE FIGURAS

1. FIGURA 01: Desenho esquemático de um neurônio	24
2. FIGURA 02: Célula da glia	26
3. FIGURA 03: Sistema cerebral - Ativação no momento da leitura.....	27
4. FIGURA 04: Lobos cerebrais	28

LISTA DE GRÁFICOS

1. GRÁFICO 01: Porcentagem das respostas dos educadores em relação à prática pedagógica baseada na realidade do aluno	72
2. GRÁFICO 02: Porcentagem dos alunos que leem porque gostam	73
3. GRÁFICO 03: Porcentagem dos alunos que leem por obrigação	75
4. GRÁFICO 04: Porcentagem relacionada às maiores dificuldades no trabalho de leitura e escrita	77
5. GRÁFICO 05: Porcentagem relacionada à participação da família na Escola	78
6. GRÁFICO 06: Porcentagem relacionada aos recursos mais utilizados na aula de leitura	80
7. GRÁFICO 07: Porcentagem dos alunos que apresentam interesse pela produção de textos e o fazem de forma contextualizada e significativa	82
8. GRÁFICO 08: Porcentagem relacionada à frequência da leitura feita pelo professor de livros literários, artigos, histórias, etc.	84
9. GRÁFICO 09: Porcentagem relacionada ao fator biológico	85
10. GRÁFICO 10: Porcentagem relacionada ao fator psicológico	86
11. GRÁFICO 11: Porcentagem relacionada ao fator pedagógico	88
12. GRÁFICO 12: Porcentagem relacionada à família	89
13. GRÁFICO 13: Porcentagem relacionada ao ambiente enriquecedor.....	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

CF Constituição Federal

FICS Facultad Interamericana de Ciencias Sociales

INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

PNAIC Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.2 Título	17
1.3 Problema	17
1.4 Problematização.....	17
1.5 Justificativa.....	18
1.6 Objetivos	18
1.6.1 Geral.....	18
1.6.2 Específicos	19
2 MARCO TEÓRICO	20
2.1 Marco Epistemológico	20
2.2 O Funcionamento do Cérebro	23
2.3 Leitura, Escrita e Escola.....	30
2.4 Professor Incentivador	34
2.5 A Função da Escola	37
2.6 A Criança e a Escola.....	41
2.7 O Saber tem História e a Criança Também.....	44
2.8 Dificuldade de Aprendizagem na Escola.....	48
2.9 Direitos de Aprendizagem no Primeiro Ciclo de Alfabetização.....	51
2.10 O Sentido do Ensinar e Aprender.....	54
3 MARCO METODOLÓGICO	61
3.1 Os Conceitos Atribuídos à Pesquisa, Trabalho de Campo, Metodologia e Método	63
3.2 Local da Pesquisa	69
3.3 Universo da Pesquisa	69
3.4 Instrumento para Coleta de Dados.....	70

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	72
4.1 Opinião dos Professores sobre as Questões Fechadas do Questionário de Pesquisa.....	72
4.2 Opinião dos Professores sobre as Questões Abertas do Questionário de Pesquisa.....	92
4.2.1 Os fatores que contribuem para a aprendizagem de leitura e escrita:	92
4.2.2 Os fatores que atrapalham a aprendizagem de leitura e escrita:.....	92
4.2.3 As estratégias metodológicas mais utilizadas pelo professor no ensino de leitura e escrita:	93
CONCLUSÃO	95
RECOMENDAÇÕES	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO DE PESQUISA. PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS INICIAIS	104

1 INTRODUÇÃO

O ato de aprender a ler e a escrever é de primordial importância para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. Nos dias atuais, a Educação enfrenta problemas: os discentes não têm o hábito do estudo após a aula, são seduzidos pela imagem, pelo imediatismo, pela publicidade, propagados pelos mais diversos meios de comunicação.

As dificuldades de leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental constituem um elemento fundamental no planejamento escolar. As dificuldades permitem prever os processos de uma atividade que contribue de maneira significativa para a aprendizagem. Segundo Piazzzi (2014) o ciclo de aquisição do conhecimento passa por três fases: entender, aprender e fixar.

Durante a aula o aluno passa pela fase do entender, é o momento da descoberta, da motivação e dos questionamentos. Em seguida, passa pela fase do treino, isto é, das atividades relacionadas a aula que recebeu, neste momento ele está preparando para transformar a informação em conhecimento e durante o sono, ocorre o fixar.

Nessa primeira fase é fundamental um profissional que goste de ler, além de ter o prazer pela leitura. As crianças precisam de modelos de leitores competentes que lhes estimulem o hábito de ler muito, e só lê muito quem ler por prazer. Por isso é fundamental ter variedades de livros para que o aluno escolha o seu “livro” e se torne um verdadeiro leitor.

Uma forma interessante de despertar o gosto da leitura é: contar história usando recursos audiovisuais, pois as crianças são visuais, auditivas e cinestésicas. O professor precisa descobrir a melhor forma de ensinar o prazer pela leitura.

Com esta proposta ocorre uma participação ativa do aluno no processo de ensino e aprendizagem. Este ciclo ocorre todos os dias com um bom planejamento acompanhado de atividades, e a dedicação diária dos alunos alcança os objetivos do professor.

Uma das funções do professor é ensinar aos alunos a serem autodidatas, isto é, a estudarem sozinhos em casa. O melhor computador que existe é o cérebro de nossos estudantes, é preciso conhecê-lo para usá-lo em benefício da educação.

Assim, quando as metodologias estão de acordo ao seu real funcionamento, obedecendo as fases sem alterar a ordem: aula assistida, estudo ativo e solitário e uma boa noite de sono, a criança aprende. Isso acontece diariamente, por isso a importância de estudar todos os dias.

O professor alfabetizador deve estimular as crianças a ler como uma forma de lazer, entretenimento e diversão. É um momento mágico. No fundo todas as crianças gostam de ler, pois os livros contam histórias de vida, só que elas não sabem disso. Precisam ser estimuladas.

Assim, ao repensar a educação nos anos iniciais, faz-se necessário a realização de planejamento que foque na leitura de livros com diferentes gêneros textuais para que elas mesmas descubram “o livro” que desperte o seu interesse. E, desta forma, desfaz-se enganos cometidos por pais e professores de que assistir à TV é sinônimo de diversão, enquanto ler um livro equivale a uma obrigação.

Outra realidade que gera dificuldade no processo de ensino da leitura e escrita é confundir aula com “local de estudo”. A maioria dos pais acha que assistir à aula e estudar seja a mesma coisa, e não é, são fases distintas, porém, uma complementa a outra.

O educador deve entender que existem regras para o aprendizado e que se elas não forem respeitadas o aluno não conseguirá absorver todo o conteúdo e apresentará problemas posteriores. Pesquisas mostram que alunos que leem livros ativam mais áreas cerebrais do que as que assistem à aula.

A neurociência é uma grande ferramenta para os docentes, pois através dela é possível identificar melhores métodos de ensino e adaptá-los de acordo com o funcionamento cerebral, sendo possível desenvolver várias maneiras de ensinar e possibilitando aos discentes várias formas de aprender.

Para alcançar os objetivos propostos foi feito um questionário com perguntas abertas e fechadas aos educadores do primeiro ciclo de alfabetização.

A pesquisa se apresenta com um marco teórico sobre a aprendizagem de leitura e escrita nos três anos iniciais do ensino fundamental I, os resultados das investigações realizadas, as considerações finais sobre os resultados obtidos e as recomendações para obtenção de melhores resultados.

O interesse em obter maior conhecimento sobre as dificuldades do ensino/aprendizagem de leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental I move esta investigação, cujo resultado é interessante para a Escola, ao analisar elementos para a tomada de decisões, como capacitação de professores e orientação da importância da tarefa após a aula desde os anos iniciais do ensino fundamental.

Este estudo se realiza para a obtenção do título de mestre em Ciências da Educação pela FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES.

1.1 Tema

Dificuldade de leitura e escrita

1.2 Título

Dificuldade de leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental do município de Carinhanha/BA.

1.3 Problema

Sem a obrigatoriedade da tarefa de casa como um reforço da aula, tem-se percebido alguns aspectos que dificultam a aprendizagem de leitura e escrita como a troca do método tradicional pelo construtivista, dispensando-se a tarefa de casa, elemento importante para o conhecimento.

Então cabe a pergunta: Quais as dificuldades de leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental do município de Carinhanha?

1.4 Problematização

- Qual é o conceito de aceitação da dificuldade do ensino/aprendizagem de leitura e escrita pelos professores regentes?
- Em que consiste a proposta de ensino de leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental pela Secretaria Municipal de Educação?
- Os professores estão trabalhando leitura e escrita como uma rotina diária?

1.5 Justificativa

Nas últimas décadas surgiram novas metodologias em busca de melhores resultados no ensino aprendizagem na alfabetização. Muitas delas focam o ensino e esquecem de ensinar o aluno a estudar. Não basta o professor se dedicar às aulas para que o aluno aprenda. É necessário também o estudo em casa, pois nesse momento apesar de estar fora da sala de aula, o aluno está ativo e apto a expandir e interiorizar o aprendizado iniciado na aula.

Assim, o ensino de leitura e escrita precisa ser bem planejado e sempre acompanhado de tarefas de casa para que o aluno adquira o hábito do estudo em casa, pois é nesse momento que a aprendizagem acontece.

A tarefa de casa é ainda um assunto polêmico, mas que precisa ser resgatado pelos professores. Ela exige tomada de decisões como planejamento, definição de conteúdos a serem trabalhados, avaliação que valorize a aprendizagem, entre outros, levando-se em conta o estudo do aluno como um complemento da aula, cujo acompanhamento da família é essencial.

Superar o índice de analfabetismo ainda é desafiador, razão do estudo sobre as dificuldades de leitura e escrita, em busca de aprendizagem significativa. “Temos um sistema escolar com milhões de alunos e quase nenhum estudante!” (PIAZZI, 2014, p.24)

1.6 Objetivos

1.6.1 Geral

Analisar as dificuldades do ensino e aprendizagem de leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental do Município de Carinhanha-BA.

1.6.2 Específicos

- Compreender os principais fatores que contribuem/atrapalham a aprendizagem de leitura e escrita nos anos iniciais.
- Identificar as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita dos alunos nos anos iniciais.
- Investigar as diferentes estratégias usadas pelo professor para ensinar a ler e a escrever.

2 MARCO TEÓRICO

Este capítulo compreende uma revisão bibliográfica de autores de grande importância, que retratam o tema da pesquisa e que oportunizam uma discussão profunda que contempla a opinião do autor.

Com essa finalidade, parte do entendimento de que o educador deve ter em mente o agir na/para prática pedagógica em relação às dificuldades de leitura e escrita. Pereira (2011) explicita que “adotar procedimentos no desenvolvimento da consciência fonológica pode ajudar as crianças a superar as dificuldades na escrita”.

2.1 Marco Epistemológico

Dentro do contexto educacional, a palavra dificuldade indica um fardo ou um problema a ser resolvido, de fazer algo para alcançar um objetivo ou resultado. O mini Dicionário Aurélio (2001) afirma dificuldade “caráter de difícil. Aquilo que o é. Obstáculo. Óbice. Situação crítica.” (p. 236)

Nesta perspectiva, as palavras que são usadas para significar dificuldade como difícil e obstáculo dão a designação vaga e incompleta do que realmente deveriam significar. Talvez porque tem uma visão negativa da palavra dificuldade que não deve ser um obstáculo para desistir, mas sim um meio para buscar a solução e vencer.

Dentro do uso da palavra “dificuldade” deve-se encarar como algo natural e inerente a todo ser humano. O educador precisa entender que a dificuldade é o caminho para aprender. Toda pessoa é capaz de aprender e para isso necessita ter dedicação e não desistir da aprendizagem.

Toda pessoa nasce com potencial para aprender, porém depende de estímulos externos para que ela ocorra. Quanto mais o ser humano é estimulado mais chance terá de se desenvolver e vencer as dificuldades que ocorrem no processo de ensino e aprendizagem.

A construção da aprendizagem passa por momentos de insegurança e frustração, principalmente quando surgem as dificuldades de aprendizagem escolar. A autora Bossa destaca a importância de identificar a causa, combatê-la e tratar o sintoma. “Quando se trata de problema de aprendizagem escolar

de nada adianta medidas como reforço ou a aula particular apenas. Seria como ministrar o antitérmico sem o antibiótico, ou seja, combater a febre sem tratar a infecção”. (2013, p.12)

Nesse sentido, a dificuldade escolar revela-se uma oportunidade para dedicar ao estudo mais aprofundado do processo de aprendizagem e quais elementos estão envolvidos no processo de ensinar e aprender que podem favorecer ou prejudicar o seu desenvolvimento.

Muitas vezes o professor ministra uma aula maravilhosa, mas não passa atividades para reforçar a informação. O professor Piazzi (2014) alerta que “durante a aula o aluno é coletivo e passivo. Ele ouve, vê e entende. Durante o estudo é ativo e solitário, é o momento do fazer. A aula e o estudo são necessários à prática educativa, ambos se complementam”.

Refletindo sobre ensino/aprendizagem compreendo que, tanto para o professor quanto para o aluno, aprender tem sido um processo dolorido que passa pelo exercício da vontade. E para que a aprendizagem ocorra é necessário disciplina nos estudos, portanto o educador tem o dever de encorajar seus alunos a não desistirem dos seus sonhos.

Ao analisarmos as dificuldades de leitura e escrita, concluímos que nenhuma criança vai mal nos estudos por vontade própria. Na verdade, o que há é a falta de intervenção do professor no momento da dificuldade. Muitas vezes a falta de conhecimento de outras áreas dificulta esse processo e o professor deixa para depois e os problemas só aumentam.

Bossa (2013) alerta sobre a importância de procurarmos ajuda logo que percebermos a dificuldade na aprendizagem dos alunos. Com isso, evita-se consequências graves no seu futuro acadêmico.

Portanto, se o seu filho ou o seu aluno está tendo problemas na escola, ajude-o. Procure o profissional adequado para orientá-lo. Certamente não serão as críticas ou punições que resolverão a questão. Durante muitos e muitos anos, por falta de conhecimento científico, pais, professores, profissionais de educação em geral penalizaram o aluno que não aprendia, responsabilizando-o pelo fracasso e prejudicando ainda mais. Hoje não é admissível tratar o problema de aprendizagem como uma simples questão de vontade do aluno ou do professor. O atual estágio da ciência nos mostrou que a questão é bem mais complexa e merece uma intervenção apropriada. (BOSSA, 2013, p.13)

Bossa (2013) destaca a importância de se buscar ajuda na psicopedagogia, pois esta área se dedica exclusivamente ao estudo do processo de aprendizagem, e outras áreas como a psicanálise, psicolinguística, pedagogia e neurologia que também são necessárias para compreensão da aprendizagem.

A leitura e a escrita constituem dois mecanismos importantes e fundamentais na vida de qualquer pessoa. A alfabetização é a base de qualquer aprendizagem, por isso quanto mais eficiente for a formação do professor, mais preparado está para ensinar os conteúdos necessário à vida.

A concepção de ensino muda de acordo com o contexto das necessidades e dos acontecimentos, por isso o educador precisa estar em constante reflexão e se quiser entender o aluno tem que primeiro conhecê-lo, isto é, saber de onde veio e para onde vai.

O professor precisa também entender os métodos de ensino e seus objetivos para poder aplicar de acordo com a necessidade e o que se pretende alcançar. Nesta dimensão, Martins (2014) destaca a importância dos métodos tradicionais e construtivistas como oportunidade de o professor analisar o que tem de positivo em cada um deles. Nesse sentido, assegura:

Compreende-se que para ensinar a ler e a escrever às crianças que apresentam dificuldades de compreensão na leitura e na escrita é importante fazer um ajuste aos dois métodos, um pouco do tradicional junto com um pouco do construtivismo. O tradicional é necessário para o compreender das letras, formação de palavras e conseqüentemente à leitura. O construtivismo também é necessário e importante, dá à criança a chance de aprender com o lúdico podendo perceber que é capaz de criar e aprender brincando. (MARTINS, 2014, p.22)

Portanto, o educador do século XXI não pode ser ao extremo tradicionalista ou construtivista. O importante é buscar o equilíbrio entre esses métodos e identificar a melhor forma do aluno avançar o processo de alfabetização e, assim, enriquecer o ensino bem como, conseqüentemente, a aprendizagem significativa, que tanto almeja os profissionais de educação.

2.2 O Funcionamento do Cérebro

Abordo, neste estudo, a temática de como o cérebro aprende e sua estrutura cerebral. O interesse em estudar essa temática é fruto de diversas experiências pessoais e profissionais em entender o órgão responsável pela nossa aprendizagem. Quanto mais entendermos o cérebro mais perto ficaremos do melhor ensino e da aprendizagem duradoura.

Essas experiências proporcionam reflexões importantes sobre a estrutura do cérebro e a articulação entre as estratégias de ensino. O educador deve entender que a aprendizagem é algo tão natural quanto o amor, a fraternidade o perdão, a reconciliação, a paciência, mas que precisa ser aperfeiçoada através das oportunidades oferecidas.

“O nosso cérebro, a medula espinhal e nervos periféricos compõem um sistema de controle e processamento integrado de informações” (Pereira, 2011,p.13). O cérebro participa de tudo que fazemos voluntaria e involuntariamente. Ele não sabe o que acontece ao nosso redor. Conforme Pereira (2011), os órgãos do sentido levam as informações para o cérebro através de estímulos externos. O cérebro comanda a respiração, as batidas do coração, a fome, a paixão, o amor, os sonhos, o intelecto, o humor, a dor, a criatividade.

Do ponto de vista de Pereira (2011), o cérebro coordena e realiza diversas tarefas:

Controla a temperatura corporal, pressão arterial, a frequência cardíaca e a respiração, aceita milhares informações vindas dos nossos vários sentidos (visão, audição, olfato); controla os nossos movimentos físicos ao andarmos, falarmos em pé ou sentarmo-nos; deixa-nos pensar, sonhar, raciocinar e sentir emoções. (PEREIRA, 2011, p.13)

O cérebro é o órgão da aprendizagem.

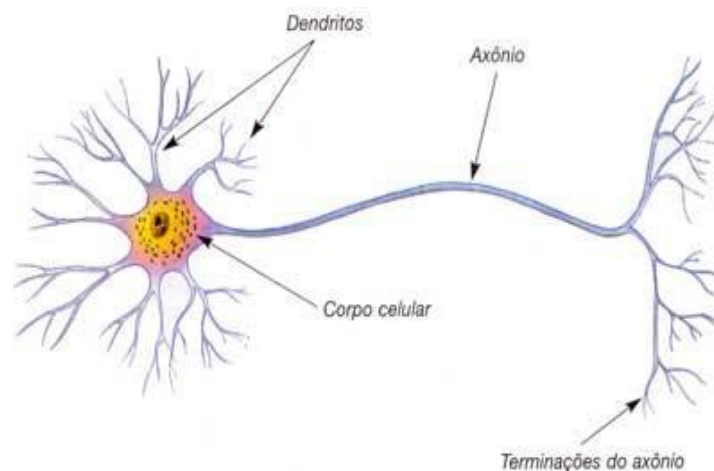
O cérebro humano é composto por aproximadamente 86 bilhões de células nervosas, chamadas de neurônios; estes produzem os neurotransmissores (substâncias químicas) que enviam informações a outras células e como resultado produz o conhecimento e os comportamentos. (MACHADO, 2013).

Os neurônios desempenham uma função muito importante: receber os estímulos, codificar, decodificar e armazená-los, transformando-os em

informação. Os neurônios comunicam-se entre si e com outras células por meio de uma linguagem eletroquímica.

O nosso comportamento depende do número de neurônios envolvidos nesta rede de comunicação. A maioria dos neurônios possui três partes básicas: corpo celular, axônio e dendritos. (PEREIRA, 2011)

Figura 01: Desenho esquemático de um neurônio. Observe o corpo celular que contém o núcleo celular, os prolongamentos chamados dendritos e o axônio.



Fonte: <http://www.sogab.com.br/anatomia/sistemanervosojonas.htm>. Acesso em: 05 jul. 2018.

Os neurônios são formados por três partes principais: dendritos são as ramificações responsáveis pela recepção, corpo celular é responsável pela inclusão das informações e axônio tem a função de passar o impulso nervoso de um neurônio para outro. Quanto mais estímulos mais formação de ramificações, de integração e transmissão de informação.

O professor precisa ficar atento quanto aos alunos que não conseguem aprender, buscando alternativas de se ensinar.

Muitas vezes o aluno não aprende porque não possui referências que antecedem o processo do aprender. O professor deve conhecer variados métodos para que possa cumprir o seu papel social: ensinar a todos, pois se há várias formas de aprender há infinitas maneiras de ensinar.

A estimulação é de fundamental importância para a formação das redes neurais no educando.

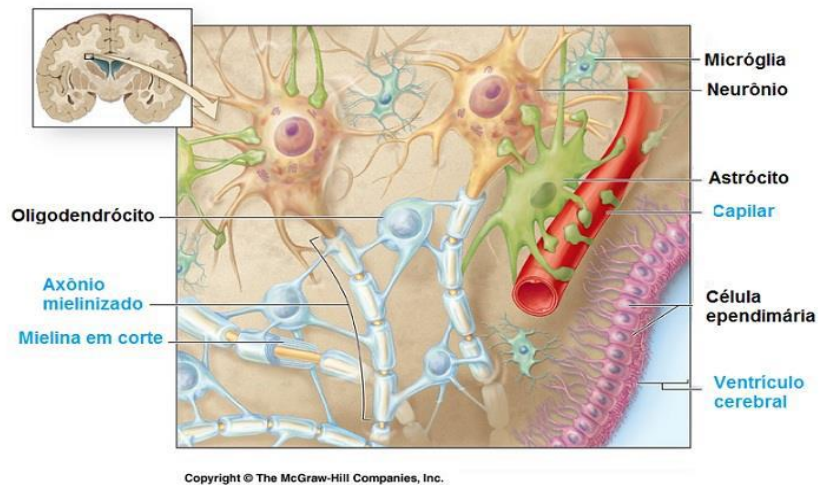
As sinapses, ou seja, as conexões entre as células nervosas que compõem as diversas redes neurais vão se tornando mais bem estabelecidas e mais complexas, à medida que o aprendiz interage com o meio ambiente interno e externo. Desta forma, é verdadeiro que as crianças pouco ou não estimuladas durante a infância podem apresentar dificuldade de aprendizagem. Nestes casos ao cérebro delas não foi dada oportunidade de se desenvolver plenamente, alcançando toda a sua potencialidade. (REIS AT ALL, 2016, p.5)

Cabe ao professor identificar as dificuldades de aprendizagem dos seus alunos, propondo estratégias que ampliem a formação de suas redes neurais, dando-lhes oportunidade para que seus cérebros desenvolvam as competências não aprendidas.

Existem ainda em nosso encéfalo outras células importantíssimas chamada de gliais. Cada uma tem especificidade diferenciada, mas que se complementam: suporte, manutenção e proteção dos neurônios. Elas dão a resistência necessária aos neurônios para que realizem sua nobre missão. A sua falta impede o desenvolvimento do neurônio. As células gliais cumprem uma função primordial na vida dos neurônios.

Machado (2013) afirma que além dos neurônios, existem aproximadamente 85 bilhões células gliais, que são os astrócitos, oligodendrócitos, micróglia e células ependimárias. Estas células possuem funções diversas e primordiais que compõem o sistema nervoso que é a base do cérebro. Os astrócitos percebem o excesso de neurotransmissores e dão suporte para sobrevivência e manutenção dos neurônios. Os oligodendrocitos formam a bainha de mielina, que são um isolante que fica em volta do axônio. A micróglia atua como imunidade da célula enquanto as ependimárias produzem um líquido cérebro-espinhal que reveste o nosso sistema nervoso, e da medula espinhal.

Figura 02: Célula da glia.



Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/celulas-da-glia/celulas-da-glia.php>. Acesso em: 05 jul. 2018.

Pereira (2011) registra que existe uma especificidade no cérebro superior que nos deu uma evolução na área da comunicação e que tem papel fundamental na escola. São elas: Wernicke, Broca, Córtex Pré-motor.

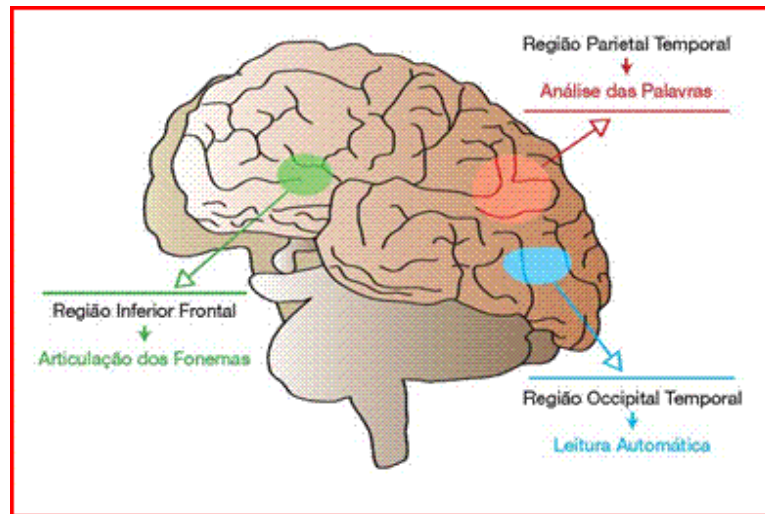
A área de Wernicke recebe estímulos auditivos. A área de Broca compreende as unidades motoras, que controlam os movimentos do músculo, produzindo a fala. O Girus Angular faz a conexão entre regiões auditivas e visuais - optema/fonema, o processo básico da leitura.

A Região Inferior Frontal é a área da linguagem oral, onde se processam a vocalização e articulação das palavras e se inicia a análise dos fonemas. A subvocalização ajuda à leitura, fornecendo o mundo oral das palavras.

A Região Parietal Temporal é a área onde se faz análise das palavras, realiza o processamento visual da forma das letras, a correspondência grafo-fonética, a segmentação e a fusão silábica e fonética.

A Região Occipital Temporal é a área onde se processa o reconhecimento visual da palavra, onde se realiza a leitura rápida e automática. Contém uma relevante informação sobre cada palavra, reconhece a ortografia, pronúncia e significado. “Quanto mais automaticamente for feita a ativação nesta área, mais eficiente se torna o processo de leitura” (PEREIRA, 2011).

Figura 03: Sistema cerebral - Ativação no momento da leitura.



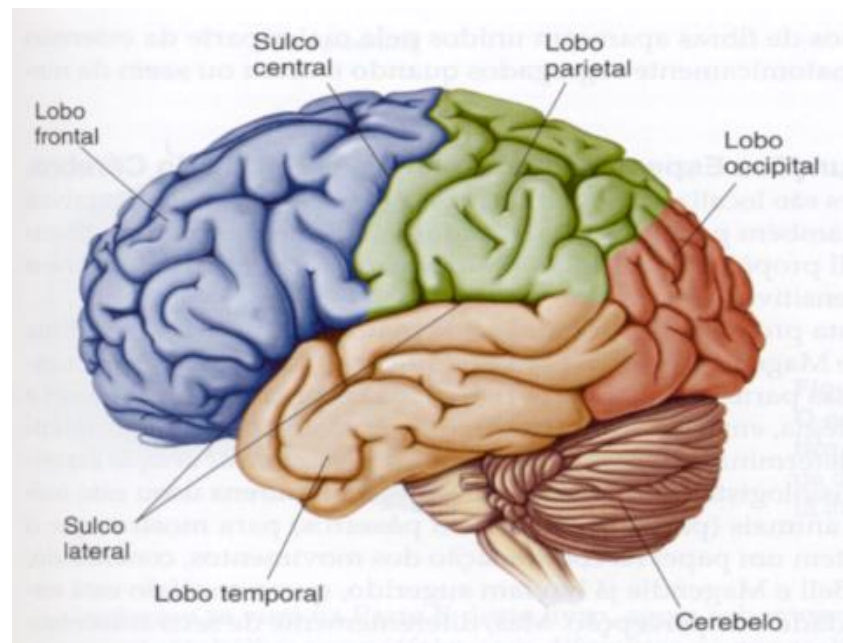
Fonte: <http://dislexiananet.blogspot.com/p/causas.html>. Acesso em: 05 jul. 2018.

O educador precisa conhecer a estrutura do sistema nervoso para compreender melhor o seu aluno e buscar métodos que estimulem as áreas cerebrais. A Região Inferior Frontal tem a função do uso da memória. A Região Parietal Temporal estimula a lógica do pensamento e a Occipital que se encontra no Córtex Visual. Todas elas são utilizadas no momento da leitura.

Conforme Pereira (2001), os alunos que têm dislexia ativa a Girus Inferior Frontal e a Zona Parietal Temporal esse percurso é mais demorado, pois as palavras são segmentadas em sílabas e fonemas, faz-se a função fonética e as funções silábicas para depois chegar ao significado. Já os bons leitores usam a Região Parietal Temporal e a Occipital, que é rápido e automático.

“O cérebro é todo o conjunto de estrutura localizada no interior do crânio. Ele é responsável pelas emoções, raciocínio, aprendizagem, sensações e movimentos voluntários” (MACHADO, 2013). O cérebro possui áreas responsáveis por funções específicas, que trabalham em conjunto.

Figura 04: Lobos cerebrais.



Fonte: NETTER, 2007.

O processo de ensino hoje, na sua maioria, permanece no modelo tradicional, tratando todos da mesma forma, assim, reconhecer as individualidades dos alunos e a prática do professor em sala de aula torna-se importantíssimo na melhoria educacional, pois se tem várias formas de aprender há também diferentes estratégias de explicar. (COSTA, SEM ANO)

Portanto, o educador deve estar atento ao comportamento do discente para usar a estratégia adequada a melhor forma de aprender, contribuindo, assim, para consolidação dos conteúdos. Para que isso ocorra, o professor deve ser conhecedor de várias estratégias e ser capaz de observar tudo que está à sua volta, principalmente ver seu aluno como ser único, e agir de modo particular às dificuldades de cada um.

Precisamos, primeiramente, conhecer o funcionamento do cérebro, a especificidade de cada área para entender como o ser humano organiza seus conhecimentos, e o educador deve tratá-lo como um sujeito particular na sua singularidade e plural nas diferenças sociais e culturais.

Enquanto a neurociência nos permite conhecer a estrutura e funções do cérebro, a pedagogia cria métodos que aperfeiçoam o processo de ensino/aprendizagem.

O educador é um profissional aprendente, em busca de novos conhecimentos, portanto pode buscar na neurociência respostas para as dificuldades dos seus alunos. Precisamos de estudos científicos para ensinarmos com mais segurança.

E desta forma percebo que a neurociência dialoga com a pedagogia porque precisamos de base científica para compreendermos o aluno. A neurociência ajuda no entendimento estrutural, funcional e patológico do comportamento humano no que diz respeito à memória, ao humor, à atenção, ao sono e ao comportamento geral. (PEREIRA, 2011, p.21)

Isto posto, o professor ao planejar suas aulas precisa pensar em atividades que estimulam as áreas cerebrais e, ao mesmo tempo, fazer uma análise da vida do educando, procurando respostas do seu comportamento em relação ao humor, sono e atenção.

Sabe-se que o sono é fundamental para a aprendizagem. Muitas vezes o aluno não aprende porque não dorme o suficiente. O educador precisa estar atento a todas as possibilidades que comprometem a comunicação das sinapses e, como consequências, interferem diretamente na memória.

A aprendizagem acontece quando ocorrem estímulos neurais, se o educador não reforçar a aula dada com atividades diversificadas onde o aluno possa treinar bastante, ocorrerá perda das sinapses e logo, o esquecimento, o não aprender. O educador precisa compreender que o cérebro não trabalha isoladamente, e sim em conjunto, porém uma área complementa a outra como uma grande orquestra.

Sabe-se que o cérebro precisa ser desafiado e estimulado durante todas as fases da vida. A neuroplasticidade começa a romper padrões de que o cérebro adulto não ganha novos neurônios. A ciência nos diz que não é verdade. E isso é libertador, saber que, a cada experiência nova, surgem novas conexões neurais.

O cérebro sofre modificações na medida em que passa por novas experiências. Por isso os ambientes escolares devem ser desafiadores e ricos em estímulos para novas ramificações neurais. O educador deve estimular as áreas do cérebro como: fazer contas, jogar, xadrez, movimentar do corpo, leituras, caminhadas, pois tudo isso favorece a plasticidade do cérebro.

A plasticidade cerebral é uma aliada da educação porque o cérebro continua a aprender, adaptar-se e a mudar-se. Isto faz-nos a alterar a visão de aprender. Quanto melhor entendermos o cérebro melhor podemos educá-lo. (...) Os nossos cérebros são únicos. Porém, esse cérebro sofre alterações à medida que aprendemos. Assim o cérebro torna-se um actor principal nesse processo de estimulação. (PEREIRA, 2011, p. 22)

Pesquisas recentes têm demonstrado que atividades lúdicas, jogos, música, dança, estímulos variados e experiências, faz com que o cérebro aumente suas conexões neurais. As ramificações dos neurônios se tornam fortes e maiores quando estão em ambiente rico em estímulos visual, auditivo, tato, paladar e fala. Portanto, quanto mais estímulos mais chances de aprendizagem.

Neste sentido, Pereira (2011) considera que a educação de crianças num ambiente enriquecedor e estimulante pode ter um impacto significativo na sua capacidade cognitiva e de memória.

2.3 Leitura, Escrita e Escola

Todo ser humano nasce com potencial para aprender, necessitando apenas de estímulos externos. Um dos desafios do educador é oportunizar aos educandos diversidade de atividades, motivando-os à aprendizagem.

A democratização do acesso à escola não foi o suficiente para superar o índice de analfabetismo no Brasil. A exploração deficiente da linguagem escrita no cotidiano das crianças, principalmente nos municípios mais pobres, faz com que elas sintam mais dificuldade de aprender a ler e escrever.

Há necessidade de mudança nas práticas do professor para atender a estas crianças. Os professores têm uma grande ferramenta, que é despertar no aluno o gosto pela leitura através do lúdico, proporcionando momentos de prazer pelo ato da leitura constante.

(...) o processo de alfabetização tem no alfabetizando o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. (FREIRE, 1989, p.28-29)

Sendo assim, o educador precisa ser um grande leitor para poder oferecer variedade de leitura durante suas aulas. Em adição, o docente precisa ser um pesquisador sempre disposto a conhecer sua turma e cada aluno de acordo com o seu contexto de vida, nas suas particularidades.

Em relação às crianças das classes populares, ou então, menos escolarizadas, incube a questão da escrita. Talvez a escola seja o único lugar para que ocorra esse aprendizado, por isso o educador deve ser competente para ensinar essa tecnologia maravilhosa, pois essas crianças não têm em casa pessoas que as estimulem a gostar de escrever. Essa função é uma especificidade do professor.

A expectativa do professor é de que todas as crianças sejam alfabetizadas dentro de um determinado tempo. Mas cada criança tem seu ritmo, seus interesses, curiosidades e expectativas. Hoje, fala-se em alfabetizar letrando, por isso faz-se necessário que o pedagogo tenha um conhecimento profundo desses conceitos. Nos dias atuais, não se admite mais ensinar como há décadas.

Sabemos que ao longo do tempo a alfabetização passou por várias mudanças no que se refere às práticas, concepções e necessidades da sociedade. Há algumas décadas bastava aprender assinar o nome e decodificar letras, palavras e frases, que já estava alfabetizado.

Na perspectiva do letramento deve-se valorizar o conhecimento da prática social. De acordo Assola et al (2015-2016) a alfabetização e o letramento são necessários para compreender a sociedade e desenvolver habilidade para a participação na vida social. Além disso, eles apontam que o professor deve:

(...)compreender que para se Alfabetizar letrando o professor deve garantir o acesso dos alunos a vários tipos de leitura e escrita, com diferentes gêneros textuais de modo que os mesmos compreendam as características e a linguagem utilizadas ao escrever os diferentes tipos de textos, bem como suas funções sociais. (ASSOLA; BORGES; MARQUES; 2015-2016, p.9)

Para os autores, o alfabetizador deve oportunizar aos alunos os vários tipos de leitura e escrita, ainda que não estejam alfabetizados. Deve-se também proporcionar momentos de reflexão da leitura e escrita no contexto da vida social. Neste contexto, Assola et al (2016, p.4) afirma que "a alfabetização

se põe pelo domínio do código da escrita nas práticas de leitura e escrita, em que o letramento é definido a partir do desenvolvimento de habilidades para o uso adequado da leitura e escrita nas práticas sociais”.

Portanto, são processos que ocorrem simultaneamente pelo sistema de escrita alfabético, fonema-grafema nas práticas de leitura e escrita e pelo letramento nas atividades de diferentes gêneros textuais, com diferentes funções que a leitura e escrita exercem no nosso cotidiano.

Muitas vezes a criança interrompe a aula com curiosidade do dia-a-dia. O professor não dá atenção porque tem um currículo a seguir e o aluno vai perdendo o interesse do conteúdo, achando que a escola é contrária à sua vida e seus desejos. Dentro da sala de aula o que mais importa é o currículo.

As crianças guardam perguntas dentro de si, bem como toda a sua vontade de entender a vida, a morte, a natureza, os animais. Quando é que elas terão respostas? O professor precisa estar atento às indagações do aluno e, partir daí, ensinar a ler e a escrever. O educador precisa entender que a Alfabetização está em constante mudança.

Defender Alfabetizar letrando pressupõe uma reflexão da teoria que sustenta a prática do professor no momento do ensino da leitura e escrita. Deve-se conhecer a cultura e a ambiência do aluno para que seus conhecimentos passem a ser valorizados pelo professor através dos conhecimentos prévios.

Não é só a cobrança da sociedade que restringe a experiência da aprendizagem na escola, é também a consciência do professor que só lida com o conhecimento acumulado pela sociedade onde se valoriza só o que está nos livros. O professor precisa ser um profissional de sentido, pois sua profissão está ligada ao amor e a esperança. Com base em Gadotti (2003), diz o autor:

A esperança para o professor, a professora, não é algo vazio, de quem espera acontecer. Ao contrário, a esperança para o professor encontra sentido na sua própria profissão, a de transformar pessoas, a de construir pessoas, e alimentar, por sua vez, a esperança delas para que consigam, por sua vez, construir uma realidade diferente, mais humana, “menos feia, menos malvada”, como costumava dizer Paulo Freire. Uma educação sem esperança não é educação. (GADOTTI, 2003, p. 70)

O educador precisa encorajar a sua esperança diariamente para que busque sentido na sua profissão. Esperança sem ação é morta.

Por isso, acredito que o professor esperançoso deve considerar, não apenas o conteúdo programático para compreensão da leitura e escrita, mas também as características individuais e experiências emocionais dos diferentes sujeitos sociais, através do modo como se expressa e dialoga.

O mundo está lá fora. As perguntas devem deixar para depois. O que é então que vai instigar a vontade de aprender a ler e escrever durante os primeiros anos de escolarização? Os pequenos textos, as cantigas de roda, as músicas. As brincadeiras devem fazer parte do contexto de vida das crianças para que possam ver sentido no aprender a ler e a escrever. Desse modo a vida estará ligada à escola como algo complementar e indissociável.

A educação só tem sentido como vida. Ela é vida. A escola perdeu o seu sentido de humanização quando ela virou mercadoria, quando deixar de ser o lugar onde a gente aprende a ser gente, para tornar-se o lugar onde as crianças e os jovens vão para aprender a competir no mercado. (Gadotti, 2003, p.72)

As crianças das classes populares não têm em casa os jogos, as cantigas de roda, os livros literários que ensinam brincando. Os professores que têm conhecimentos especializados precisam alimentar a curiosidade e a vontade de aprender mais com o que está escrito nos livros dando vida ao conteúdo através da sua vida social. Para que isso ocorra, o aluno precisa perceber a relação entre o que está aprendendo na escola e o que aprendeu na instituição familiar.

Ele só aprende quando quer aprender e só quer aprender quando vê na aprendizagem algum sentido. Ele não aprende porque é "burrinho". Ao contrário, às vezes, a maior prova de inteligência encontra-se na recusa em aprender. (GADOTTI, 2003, p.47)

Assumindo a radicalidade dessa ideia, posso afirmar que nós seres humanos precisamos aprender para vivermos melhor, para nos relacionarmos com o outro. O educador deve rever as necessidades da aprendizagem no mundo em que vive. O aluno tem essa dificuldade e o professor tem obrigação de ajudar o aluno a perceber isso.

O interesse aumenta sempre que a professora começa a aula antes da leitura e escrita contando, ou mesmo lendo um conto, uma poesia, um poema, adivinhas, trava-línguas e outros. Todas as crianças gostam disso, mas dificilmente estas atividades são vistas como uma rotina diária fundamental no processo de aprendizagem.

Certamente se as crianças tivessem a oportunidade de falar sobre os assuntos que despertam sua curiosidade e a respeito dos quais pudessem apresentar suas perguntas, e o educador sempre voltasse as perguntas a elas, sem dá respostas pronta, estaria, assim, estimulando-as a pensar.

E para reforçar essa aula, passa-se uma tarefa que treine leitura e escrita para que guarde na memória. Desta forma poderia aprender com mais facilidade a ler e a escrever. Afinal, só se aprende a fazer fazendo, ler lendo e escrever escrevendo.

2.4 Professor Incentivador

O processo de aprendizagem engloba fatores biológicos, neuropsicológicos e fatores sociais. Ler é fundamental para o desenvolvimento intelectual, social, criativo e político. Pode-se perceber que o papel do professor é ter infinitos métodos de ensino como um grande incentivador no processo de ensino-aprendizagem, pois quanto mais oportunidades, mais chances do aprendizado ocorrer de forma prazerosa e eficiente.

É necessário que haja estímulos contínuos entre o discente e o conhecimento:

A aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. De acordo com a nova ênfase educacional o professor é co-autor do processo de aprendizagem dos alunos. (PEREIRA, 2011, p.12)

O professor tem um grande papel na formação de leitores. O aprendizado através do exemplo docente é muito interessante, pois as crianças gostam de imitar o que presencia. Sendo assim, a importância do hábito da leitura de diferentes gêneros textuais precisa estar o tempo todo presente na vida do educando, pois aprender é uma necessidade humana, aprende-se para viver

melhor e essa aprendizagem depende da interação do sujeito com o meio em que vive. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN:

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes. (BRASIL, 1997, p.56)

O professor precisa contextualizar o ensino, pois, o discente só aprende o que tem sentido para ele. Muitas vezes, a falta de diálogo entre professor e aluno, a desconsideração da diversidade cultural, faz o discente não valorizar o conhecimento escolar. Isso leva a crer que a aprendizagem precisa ser significativa.

É preciso que o educador saiba que o seu “aqui” e o seu “agora” são quase sempre o “lá” do educando. Mesmo que o sonho do educador seja não somente tornar o seu “aqui-agora”, o seu saber, acessível ao educando, mas ir mais além de seu “aqui-agora” com ele ou compreender, feliz, que o educando ultrapasse o seu “aqui” para que este sonho se realize tem que partir do “aqui” do educando e não do seu. No mínimo, tem de levar em consideração a existência do “aqui” do educando e respeitá-lo. No fundo, ninguém chega lá, partindo do “lá”, mas de um certo “aqui” (FREIRE, 2005, p.59)

Para Freire (2005) o professor não pode desconsiderar o saber que os alunos trazem para a escola, pois o discente é plural, vem de diferentes regiões, com diferentes características, cultura e necessidade. Por isso, gostar de criança não é suficiente, gostar é fundamental para atuar na educação, mas para fazer bem é preciso desenvolver a competência que se constrói no coletivo.

Para isso, é preciso ter a humildade pedagógica de compreender que o conhecimento não é propriedade de alguém, mas sim, repartido dentro de uma estrutura escolar. Nesse sentido, é importante pensar na formação do professor que ocorre no interior da escola. Investigar os conhecimentos prévios dos alunos, trabalhar a oralidade, descobrir seus medos, insegurança, pode ser um caminho para compreensão da leitura e escrita.

Cada um tem uma forma própria e singular de tecer suas redes de conhecimentos através dos modos como atribui significados às informações recebidas de diferentes fontes, estabelecendo conexões

entre os fios e tessituras anteriores e os novos. (OLIVEIRA, 2012, p. 68-69)

Por isso, o educador deve reconhecer o desejo dos alunos, criar vínculos da escola com a vida dos educandos. Os conhecimentos prévios disparam emoções e motiva novas aprendizagens, que se estiverem contextualizadas com as anteriores favorecem a memória. Isto ocorre porque a aprendizagem passa a ter sentido criando caminhos mais significativos, mais rápido e forte. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997):

Para tornar os alunos bons leitores- para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura-, a escola terá que mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte o cultivo e o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente. (BRASIL, 1997, p.58)

Defender essa ideia pressupõe, portanto, uma aceitação e o reconhecimento da importância da leitura oral com entusiasmo e emoção feita pelo professor de diferentes tipos de textos como prática diária para que desperte no aluno o gosto da leitura como algo interessante e desafiador, pois, na verdade, as motivações fazem a diferença na vida do educando. Ainda, de acordo os PCN (através da Secretaria de Educação Fundamental) para formar leitores, são necessárias algumas condições, como:

- a) A formação de leitores competentes pressupõe que a escola tenha uma biblioteca com diversas obras literárias e outros materiais de leitura. Deve-se organizar esse momento onde o professor leia para os alunos, principalmente as crianças que não vivenciam em casa.
- b) É fundamental que os alunos presenciem a leitura feita pelo professor com entusiasmo para que adquiram esse hábito de forma prazerosa. A forma como o professor ler para as crianças faz toda diferença na vida do aluno.
- c) O educador que faz uma leitura oral com entonação, um tom de voz suave, que vivencia os personagens do texto estimula os órgãos dos sentidos, melhora atenção e acalma a inquietude, tão necessária para diminuir a ansiedade causada pelo nosso jeito de viver.

- d) As leituras precisam ser planejadas diariamente para que se perceba a sua importância. É interessante dar possibilidade de escolha para que os alunos aprendam a gostar de ler. A escolha do livro, autor, obra ou gênero deve ser do aluno tanto na escola como em casa. Essa leitura pode ser silenciosa sem perguntas sobre o livro ou questionamentos, é a oportunidade de desenvolver o gosto pela leitura.
- e) A escola pode emprestar os livros para as crianças lerem em casa com o auxílio da família, principalmente textos com histórias tradicionais já conhecidas, provocando, assim, momentos de leitura com outras pessoas no âmbito familiar. Essa atitude desenvolve a responsabilidade na criança.
- f) Quando a escola sugerir livros para leitura, seria interessante uma variedade de livros para que se possa ter uma troca de exemplares, dessa forma os alunos terão a oportunidade de ler vários livros, enquanto, se for sugerido o mesmo livro para todos, terão apenas uma oportunidade.
- g) A escola poderá proporcionar momentos onde os alunos possam contribuir com sugestões para desenvolver a prática da leitura constante com todos os envolvidos no âmbito familiar, construindo na escola uma política de formação de leitores.

2.5 A Função da Escola

Analisarei, nesta seção, a função da escola atribuída pela sociedade a partir do valor que ela representa para as famílias, o que é de fundamental importância para entendermos as implicações na vida do educando. Sabe-se que a família também transmite e, ao mesmo tempo, recebe os valores que a escola representa.

A escola é apontada como um caminho para o cidadão se realizar como profissional qualificado, a fim de ocupar postos mais “nobres”, mais bem remunerados e de prestígio.

As mudanças na sociedade atual, no entanto, são muito rápidas. Em nosso país o índice de desemprego ainda é muito alto. Muitos jovens recém-

formados não conseguem emprego na sua área. Quando encontram, é com baixo salário e, na maioria das vezes, em funções incompatíveis com suas formações.

Nessa situação, nenhuma profissão serve mais como garantia de qualquer emprego “importante”. Para que então estudar? Entender ou aprender? Ou não tenho capacidade? A escola hoje está sendo vista como um caminho para a sobrevivência da família. As crianças ouvem frases do tipo: “Estuda, senão eu não recebo o Bolsa Família”. A mãe pede para a criança estudar, mas é incapaz de orientá-la para o estudo.

As crianças aprendem pelo exemplo. Elas se perguntam: Afinal, para que serve mesmo a escola? Percebe que nem sempre os adultos falam a verdade e neste momento começa um sofrimento que é movido pelos seus pensamentos, tornando-os prisioneiros na mente.

(Bossa, 2013) afirma que muitas crianças sofrem na escola. Algumas têm angústia desde o primeiro dia de aula, outras iniciam bem, mas depois de algum tempo passam a ter problemas como tirar notas baixas, sentir a falta da família, não são compreendidas pelo professor, por não compreender a matéria, por reprimir seus instintos e tantos outros fatores.

A crueldade é nítida aos olhos quando se presencia adultos com a seguinte frase: “você é burro”, mas o sinal de “burrice” nas mentes das crianças não é nada agradável. Isso é muito sério. Se para nós adultos a opinião de quem exerce o poder afetivo nos faz sofrer, imagine em uma criança.

A criança ou o adolescente muitas vezes prefere acreditar, e fazer os outros acreditarem, que vai mal na escola porque é desinteressado. Aceitar que não entende a matéria, para esses jovens significa ser “burro”. Quando nos sentimos “burros” ferimos o nosso narcisismo. Podemos dizer que o narcisismo é o nosso amor próprio. (BOSSA, 2013, p.13)

Esse fator pode atrapalhar, e muito, o desenvolvimento da criança na escola, pois a criança não tem maturidade para discernir o que é certo ou errado. Aprendemos pelas nossas crenças e valores. É muito importante que o professor compreenda o educando em suas dimensões sociais, culturais e emocionais.

Muitos pais falam: “Estuda para não virar um burro”. Esta frase fica na mente da criança como uma verdade absoluta. E a partir do momento que

acredita começa a se comportar como tal animal que não pensa e não é capaz de mudar de vida. Torna-se pessoa incapaz, pois não luta pelos seus sonhos. Tudo começa pelo pensamento. O educador precisa estar atento ao comportamento de seu aluno.

A escola é a instituição que vai garantir ao aluno da classe trabalhadora a oportunidade de ascender para a classe média por intermédio do seu esforço pessoal, através da sua dedicação aos estudos, fruto do saber e da cultura que foram conquistados pelos seus antepassados.

No passado, aqueles que tinham condição financeira de estudar conseguiam ser um profissional adequado ao mercado de trabalho. Os empregos com carreira não tinham muita concorrência. Os serviços pesados e trabalhos manuais eram para pessoas sem estudo, que não tinham conhecimentos especializados. Surge, assim, a escola classista.

A classe popular, cada vez mais presente na escola pública, começa a se reunir e lutar por igualdade de direito e melhores condições de trabalho. Começa a perceber que o sistema tem seus próprios interesses.

Com a universalização do ensino, as classes populares começam a ingressar nas escolas e, com isso, cria-se o trabalho técnico apenas para preparar os trabalhadores para o mercado de trabalho, ou seja, para serem explorados; é preciso disfarçar, seja no currículo nas aulas ou nos métodos de ensino.

Ao transmitir aos trabalhadores valores universais como: “Todos são iguais perante a lei”, os capitalistas não permitem que a classe popular perceba que não é verdade, aliás, que, através do seu trabalho, só os tornam mais ricos.

Por outro lado, para que a sociedade continue funcionando, ela precisa de muitas pessoas trabalhando, como: coletando o lixo das cidades, desentupindo os bueiros, transportando mercadorias. Quem seriam esses profissionais? Provavelmente quem não estudou, e assim procura justificar as diferenças salariais e o desprezo das profissões não especializadas.

Como vivemos num mundo capitalista, a escola precisa preparar os trabalhadores para operarem máquinas, montar produtos, transportar mercadorias, vender os produtos, isto é, ampliar cada vez mais o lucro deles.

A escola prepara as pessoas para ocuparem cargo “nobre”, que é elemento importante para a produção do “conhecimento”, e quanto mais preparada a escola estiver maior será o seu valor perante a sociedade.

A escola também prepara através dos cursos técnicos, que são menos valiosos, porém fundamental para o desenvolvimento das cidades e o bom andamento de todos os setores produtivos, seja ele produto ou serviço. É preciso resgatar o valor do ensino técnico para que desperte no jovem a responsabilidade na escolha de sua profissão.

As escolas têm papel estratégico nessa tarefa. Através delas é possível ensinar somente os conhecimentos técnicos da área de suas funções no mercado de trabalho e dentro dela introduzem a divisão hierarquizada do trabalho.

Percebo que a organização curricular, apesar de sistemática, relacional, hierárquica, científica, não é neutra. Ela está voltada aos interesses da classe dominante; e o professor, através do ensino, tem a possibilidade de fazer com que o conteúdo curricular tenha sentido na vida social do aluno, dando-lhe oportunidade de pensar diferente e melhor decidir sua vida.

Os jovens de hoje pensam em concluir o ensino médio e logo ingressar em uma faculdade. Isso é bom, porém as escolas técnicas acabam sendo esquecidas, além de não haver espaço no mercado para empregar todos esses jovens que saem das universidades. É preciso investir nas escolas profissionalizantes para despertar interesse das pessoas neste setor.

É de fundamental importância essa compreensão, para que se possa definir critérios do que ensinar? Por quê? E para quê? e, saber que tipo de alunos queremos formar, pois o verdadeiro papel do professor é formar o cidadão responsável e comprometido com sua vida e daqueles que estão ao seu redor.

Refletir a prática docente é poder avaliar as transformações no mundo contemporâneo, é pensar no professor reflexivo diante das mudanças do mundo. Assim, faz-se necessário que o educador reveja seus métodos pedagógicos, observando as mudanças e os impactos que essa produz.

Precisamos entender a escola como um lugar que transmite o conhecimento especializado e que devemos confrontá-lo com o que o aluno

traz, pois a escola serve para melhorar a vida do educando, tornando-o livre e liberto.

O conhecimento só é libertador quando o aluno tem a oportunidade de mergulhar em si mesmo e perceber que ele é a peça fundamental no processo de aprendizagem. Ele descobre a importância de assistir às aulas e o compromisso nos estudos. O professor se torna um agente transformador quando encoraja o aluno a ir além do que já sabe.

Está cada vez mais claro, até mesmo para as crianças, que a escola não é condição determinante para entrar no mercado de trabalho. Muitos de seus pais estudaram e estão desempregados. A escola se tornou uma mercadoria. Por isso, é importante o significado do conhecimento em suas vidas, não apenas como profissional, mas, também, como ser humano em todas as suas dimensões.

A escola é tida como extensão da família e cada vez mais a criança é inserida mais cedo neste contexto educacional. Muitas vezes precisa ensinar valores que é função da família. Mas existe outro meio onde a criança possa se desenvolver como cidadão e ter uma profissão? Apesar de confuso é o único caminho para se chegar ao saber científico. Como se aprende e se tornam profissionais e novos cidadãos?

2.6 A Criança e a Escola

Pensar a relação entre família e escola sempre foi desafiador, principalmente hoje que a estrutura familiar mudou, mas a escola permanece igual há décadas. Nos encontros de conselho de classe percebe-se que o professor culpa a família e a família culpa a escola pelo mau desempenho do aluno.

Quando se tem harmonia entre escola e família tudo acaba dando certo. Porém, a falta de diálogo tanto na ação do professor quanto nas atitudes dos pais durante a orientação dos seus filhos repercute na aprendizagem das crianças. A família precisa compreender a escola e a escola necessita conhecer seu aluno.

Na maioria das vezes, o ensino é concebido exclusivamente pelo professor e a questão da indisciplina fica com a família. Essa forma de

enxergar causa prejuízos na aprendizagem do aluno porque para aprender é necessário atenção e concentração, ou seja, atitudes que dependem do seu comportamento.

Qualquer escola tem seu regimento escolar. Nele está contido as regras e normas que devem ser respeitadas por todos os envolvidos no processo escolar. Considero estas normas como "positivas", pois ensinam as crianças a se comportarem em grupo, a serem pontuais, a ouvirem, a falarem, a respeitarem as diferenças, a reprimirem suas vontades. Conduas estas essenciais para a vida em sociedade.

Sabe-se que cada família tem sua metodologia e ensina regras e valores para as crianças. Aliás, elas possuem várias experiências, pois há regras em casa, nos jogos, nas brincadeiras com os colegas, no trânsito, nos supermercados, nas praças, nos hospitais e tantos mais. É importante ao ensinar as regras, mostrar seus benefícios para que as crianças compreendam o seu valor e as respeitem.

No convívio com os pais, irmãos, primos, tios e tias há uma convivência muito próxima que faz parte da sobrevivência: comer, tomar banho, dormir, arrumar a cama, cuidar dos afazeres domésticos. Essas normas são aprendidas e passadas de geração a geração.

Os livros didáticos dos anos iniciais apresentam textos como: criança não pode trabalhar, criança é só para brincar e estudar. Nesse contexto a família perde a oportunidade de ensinar os filhos a ter função em casa. Para aprender o valor do trabalho precisa saber que ele cansa e tem "valor". Só é digno do trabalho quem se esforça para conquistá-lo. Quem disse que criança não pode arrumar a sua cama? Que só pode estudar?

A família deve resgatar o valor de cada um dentro de casa para que as crianças aprendam a cuidar de todos, e isso se aprende no seu cotidiano. Os princípios devem estar claro na mente dos pais na hora de ensinar a seus filhos. E na escola? O professor também tem um papel fundamental de resgatar o valor da leitura e escrita, sendo modelo para o aluno. Como afirma os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997)

(...) Além de ser aquele que ensina conteúdos, é alguém que pode ensinar o valor que a língua tem, demonstrando o valor que tem para si. Se é um usuário da escrita de fato, se tem boa e prazerosa relação

com a leitura, se gosta verdadeiramente de escrever, funcionará como um excelente modelo para os alunos. Isso é especialmente importante principalmente quando eles provêm de comunidades pouco letradas, onde não participam de atos de leitura e escrita junto com adultos experientes. (BRASIL, 1997, p. 48)

Portanto, o professor será uma referência para o aluno, fazendo-lhe perceber o valor da leitura e escrita em sua vida, com sentido e não como apenas uma exigência do professor.

Muitos professores dizem: “A escola é sua”, porém não percebem as peculiaridades do universo infantil, sendo incapazes de identificarem as necessidades básicas de uma criança, como a fantasia, os jogos, as brincadeiras, o lúdico. A criança aprende brincando. O educador, na maioria das vezes, vê muita seriedade nos conteúdos e desconsidera o brincar e o conhecimento prévio dos alunos. Há falta de diálogo entre professor e aluno.

O educador deve ser um eterno pesquisador, cada turma é dotada de conhecimentos e culturas diferentes. Cabe ao professor descobrir o melhor caminho para se ensinar.

E o respeito a essa identidade, sem o qual o esforço do educador fraqueja, tem que ver com essa leitura que a criança faz do mundo e com a qual ela chega à escola. É uma leitura que ela aprende a fazer, no convívio da sua casa, no convívio da sua vizinhança, de seu bairro, de sua cidade, com a marca forte de corte de sua classe social. (FREIRE, 2001, p.140)

Portanto, essa leitura que a criança traz é a sua linguagem, a sua sintaxe, isto é, a sua competência linguística. Se acompanharmos mais de perto o comportamento das crianças no dia a dia escolar, poderemos notar que não são as regras que rejeitam, mas a forma como são ditas as solicitações. É necessário que se conheça cada aluno para educá-lo melhor na sua subjetividade, pois cada um aprende de forma diferente.

Segundo Bossa (2013), analisar a possibilidade de aprender implica considerar o desejo de aprender, que trata da energia necessária ao bom funcionamento cognitivo, o equivalente à energia, ou seja, a afetividade que vai determinar o desejo de aprender, atribuindo um valor às atividades que regula a energia.

É necessário também saber qual é o desejo dessa criança, de repente a criança pode não ter vontade de aprender. O educador precisa compreender

esse aluno na sua singularidade, identificando possibilidades de desenvolvê-lo, pois a cada momento a criança interage com o mundo externo, impulsionada por razões emocionais.

Por outro lado, uma criança pode não desejar aprender a ler e a escrever, por não querer perder o lugar de bebê na família. Então fará pouco investimento energético para o trabalho cognitivo necessário à tal aprendizagem. Logo podemos dizer que tem o motor, mas falta o combustível para pôr o processo em ação. (BOSSA, 2013, p. 18)

Logo, sabe-se que o processo de aprendizagem é único, particular em cada pessoa, porém precisa ser desafiado e estimulado a todo o momento para que o aluno busque referencial e sentido do aprender. O educador deve estar preparado para diagnosticar a causa do problema e tratar a causadora do sintoma e, se possível, buscar ajuda em outros profissionais.

2.7 O Saber tem História e a Criança Também

Na verdade, as crianças já aprenderam muitas coisas desde os primeiros anos de suas vidas, aprenderam a se relacionar com o mundo, a se comunicar com os outros, a reconhecer os símbolos.

As crianças têm uma grande curiosidade em entender os fenômenos da natureza, bem como os acontecimentos da vida social. Observam, guardam respostas, perguntam, elaboram para si uma interpretação e, depois de algum tempo, querem saber mais.

Tal comportamento trata-se, por tanto, de uma necessidade nesta fase da sua vida e, por isso, o educador deve ter conhecimento e sabedoria para ouvir esse educando. Quando ocorrer de não souber a resposta da indagação da criança, volte então a pergunta à ela, pois na maioria das vezes as crianças querem saber se podem confiar no professor. Agindo, assim, certamente o professor ganhará a confiança do aluno.

A escola está encarregada também de introduzir as nossas crianças no mundo maravilhoso da ciência. Neste mundo a linguagem é estabelecida pelo português, que é o conhecimento básico para todas as ciências. Assim, além da palavra escrita e lida simplesmente, a criança deve receber também da escola o sistema alfabético e os conceitos que constituirão a ortografia.

Lemle (1989), afirma que é por meio da ortografia que se procura solucionar dificuldades na forma gráfica da escrita como por exemplo, a compreensão de que as letras p, b, m, n, possuem grafias semelhantes, mas não são iguais, e o aluno que não leva em consideração essas diferenças não aprende a ler.

A referida autora (1989, p.6), afirma que “só é capaz de escrever aquele que estiver capacidade de perceber as unidades sucessivas de sons da fala utilizadas para enunciar as palavras e distingui-las conscientemente umas das outras”.

Dessa forma, para uma alfabetização com resultados satisfatórios, é necessário que o professor crie desafios, leia as hipóteses não como erro, mas como possibilidades que a linguagem nos dá em relação ao que a criança vai viver entre fala e escrita. O aluno terá consciência da complexidade da língua tendo em vista o nome da letra e o som que a mesma tem dentro da palavra.

A autora Lemle (1989) deixa claro que é importante que o professor conhecer essas particularidades nas variedades dos sons e letras. O professor deve estar apto a explicar que as posições das letras nas sílabas podem ser compreendidas através de regras ensinadas por um profissional que esteja preparado a alfabetizar.

Na alfabetização, segundo Lemle (1989), o primeiro ato a ser percebido pela criança é o uso do símbolo que representa a fala. Esta aprendizagem é bastante complexa, pois os símbolos da escrita da língua são arbitrários, isto é, não tem relação com o objeto representado. Por exemplo: a cor vermelha no sinal de trânsito simboliza a instrução pare, a cor verde simboliza a instrução ande e a cor amarela, atenção.

A segunda questão, para Lemle (1989), está na distinção das formas das letras, que são bastante semelhantes entre si. Por exemplo: “p” e “b” diferem na posição das hastes uma para baixo e outra para cima. “b” e o “d” apresentam diferença na posição da barriguinha, como também o “p” e o “q”.

Entre o “m” e o “n” a diferença consiste numa perna a mais ou a menos. Nas letras cursivas há semelhança entre o “o” e o “a”, a posição da perninha, o “l” e o “h” diferentes pela curvinha, o “q” e o “g” diferentes pela posição da barriguinha. As diferenças são mínimas, mas o significado é outro.

O terceiro problema, para a autora, está em perceber a relação entre os sons da fala e as letras, a conscientização auditiva. As diferenças linguísticas dos sons são importantes por exemplo: “pé” e “fé”, onde a diferença está na consoante inicial. O “p” consoante oclusiva, o “f” é fricativa.

Além dessa dificuldade entre o som e a grafia, o valor silábico não provém somente do som da letra em si, mas o som da fala pode ser o mesmo, ainda que a escrita use outras letras, por exemplo: “fixe” e “fique-se” ou a mesma letra com pronuncia diferente, como apto (a-pi-tu) e técnica (té-ki-ni-ka). Normalmente essas últimas são evitadas no início da alfabetização.

Outra situação da escrita que deve ser percebida pela criança é o entendimento do conceito da palavra, ou seja, quando a criança escreve a unidade da palavra sem segmentá-la, que Lemle (1989) considera quase um processo natural.

A colocação de separações no meio do vocábulo é mais raro em algumas segmentações mais problemáticas na percepção da fronteira vocabular, tais como: umavez, nonavio, minhavó, devido à situação da fala a fronteira é imperceptível.

Para a autora, a questão linguística fundamental é a percepção da unidade e o conceito ou ideia que ela significa. Pensar na ideia, pronunciar a palavra correspondente e representar estes sons ocorre uma arbitrariedade, tanto na fala como na escrita.

Outro ponto abordado pela autora trata-se da neutralidade da grafia em relação à pronúncia, ou seja, embora exista uma variedade de pronúncia para as palavras devido às situações regionais e diferenças culturais, a escrita conserva uma só forma, o que é de grande vantagem. Em certas situações, a pronúncia altera a escrita, no entanto, um processo histórico.

Considerar a fala no processo de leitura e escrita orienta um caminho para dominar a tecnologia, que é o sistema alfabético, quanto a possibilidade de escrever com sentido e compreensão. O sistema alfabético tem uma base sonora e uma base gráfica.

Essa relação é que vai considerar a ideia de que há na escrita representação de sons e letras. Considerando que o primeiro passo da alfabetização do sistema da escrita é que cada letra tem seu som e cada som

tem sua letra. O professor deve explorar essa hipótese que é a relação de um para um entre sons e letras.

Desde cedo, a criança da cidade adquire um hábito com cartazes, “outdoor”, televisão, computador, celular digital se encarregam em “bombardear” seus olhos. E muito antes de conhecer as letras do alfabeto elas acabam conhecendo o logotipo, coca-cola, leite ninho, nescau, sadia e tantos outros, principalmente quando tem alguém mais experiente que lhe possa dá mais atenção.

Toda criança da pré-escola tem vontade de ler e de escrever. É com grande alegria que vão para a escola, porém existe uma diferença profunda entre as crianças, as histórias de cada um, as crenças e valores que carregam dentro de si.

Para as crianças da classe culta, o código da escrita e dos conhecimentos científicos significa um valor que o torna mais importante e respeitado. A escola faz parte do seu mundo, pois, presencia seus pais lendo e estudando. As crianças começam a perceber a importância dos estudos.

Já para as crianças das classes menos escolarizadas, essa mesma aprendizagem não tem o mesmo significado, há um afastamento da linguagem escrita, não tem acesso a livros, jornais. Ingressa-se na escola sem saber o por que, não se tem um objetivo claro.

Sabe-se que não importa a classe social que a criança pertença, todas têm os mesmos mecanismos para aprender, e por que nem todas aprendem? Será que falta um olhar mais atento por parte do professor para descobrir qual é a razão das dificuldades na escola? Percebe-se que o peso da aprendizagem não é o mesmo para todos.

Quando a família exige que o aluno tire notas boas, desde pequena a criança vai aprendendo a ter responsabilidade e dedicação aos estudos. Começa a criar um hábito de estudo que é necessário para a aprendizagem significativa. Por isso, a sua iniciação à vida escolar se dará com sucesso, ela tem valor e sentido, e as instituições a que elas se dedicam estão sempre a procura de estimular os alunos a aprender cada vez mais.

A família de classe popular não exige da criança qualidade, expectativa e cobrança. E as escolas nas quais elas estudam desconhecem o contexto de vida, suas expectativas e sonhos. Muitas vezes essas crianças são privadas

das necessidades básicas, o que compromete seu desempenho. Isso é grave. O educador precisa estar atento a essas questões para poder ensinar com responsabilidade.

2.8 Dificuldade de Aprendizagem na Escola

Abordo neste estudo, a temática das dificuldades de aprendizagem dos alunos dos primeiros ciclos de alfabetização, os fatores que contribuem e dificultam a aprendizagem e o que se deve fazer quando são diagnosticados.

O interesse em estudar esse tema é fruto de diversas experiências profissional e pessoal, tanto como professor quanto pesquisador para tentar entender o fracasso escolar tão presente na nossa sociedade brasileira.

A maioria das crianças, sempre que perguntadas, afirmam que querem ir à escola, querem aprender a ler e a escrever. Não importa se esse querer é um desejo ou um estímulo que as outras fazem. Mas por que muitas vezes ela perde essa vontade quando entra na escola?

O que se constata é que vários fatores podem atrapalhar a vida escolar da criança. Ela pode não estar acostumada com outras pessoas que não sejam a sua família ou outro lugar que não seja a sua casa. Pode não se adaptar por não atender as regras das pessoas, pois na sua casa só faz o que tem vontade. (BOSSA, 2013)

Uns se tornam mais enérgicos, outros mais tímidos. Será esse um trauma pelo qual a criança tem que passar para ser iniciada na vida social? Mas será por que esse comportamento perdura a vida escolar?

Mas, objetivamente, por que muitas crianças não conseguem se interessar pelo estudo e acabam não aprendendo a ler a escrever. Por não compreender a matéria? Por não gostar do professor? Por não saber lidar com as regras? Por não acreditar na sua capacidade?

Em suma, são inúmeras as causas que podem atrapalhar o desenvolvimento escolar de uma criança, o importante é descobrir a causa e tratá-la o mais rápido possível, pois se a criança apresenta dificuldade de aprendizagem algum motivo ela tem, não basta somente colocar numa aula de reforço, é necessário tratar primeiro o problema. (BOSSA, 2013)

Todo ser humano nasce com uma tendência nata para a aprendizagem.
Nesse aspecto:

(...) A aprendizagem e a construção do conhecimento são processos naturais e espontâneos na nossa espécie e, se não está ocorrendo, certamente existe uma razão, pois uma lei da natureza está sendo contrariada. É preciso então identificar a causa dessa falha para que a vida possa seguir seu curso normal. (BOSSA, 2013, p.11)

As dificuldades na aprendizagem podem ocorrer em diversas situações, mas é no contexto escolar que se torna mais explícita, pois a escola enfatiza o conhecimento formal. É necessário que o professor tenha uma visão de desafio para com o aluno que tem dificuldade, o que muitas vezes não acontece.

O que percebo é que na maioria das vezes, muitos alunos com dificuldade tornam-se “fardos” para alguns professores que não dão oportunidade para este indivíduo de se reconstruir como ser.

Bossa (2013 p.11) define a aprendizagem escolar como um processo natural e prazeroso. Descobrir e aprender devem ser um grande prazer. Se não é, algo está errado. A referida autora afirma que quando se percebe que o aluno tem dificuldade de aprendizagem deve-se identificar a causa e combatê-la para tratar o sintoma.

Continuando, Bossa (2013) que mesmo a aprendizagem sendo um processo natural, resulta de uma complexa atividade mental que envolve pensamento, percepção, emoções, memória, motricidade, mediação e conhecimentos prévios.

Nesse contexto, é de fundamental importância o acompanhamento dessa criança junto a um “psicopedagogo”, ou seja, junto a um profissional preparado para a prevenção, o diagnóstico e o tratamento dos problemas de aprendizagem escolar.

O psicopedagogo utiliza vários recursos para identificar as causas do problema como: testes, desenhos, histórias, atividades pedagógicas, jogos e brinquedos. Após a identificação do problema, é realizado o plano de prevenção; nesse momento busca-se parceria com os professores para melhorar o ensino-aprendizagem da criança. (BOSSA, 2013)

Entendo que o psicopedagogo é um profissional que tem muito a contribuir para com a educação, pois ele é um especialista no assunto e pode

ajudar o professor a buscar a melhor forma de se aprender, evitando danos futuros na vida da criança. (BOSSA, 2013)

O que está faltando na escola é esse diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, o que contribuiria de forma significativa na construção do conhecimento.

Ainda de acordo com Bossa (2013), muitas crianças têm dificuldades de aprendizagem e estes problemas nem sempre são diagnosticados, geralmente estas crianças são vistas como desinteressados, que não entendem a matéria, além de mal comportadas. Mas nenhuma criança vai mal na escola por vontade própria, quando este aluno é identificado e tem orientação de um psicopedagogo, do professor e da família, este problema muitas vezes torna-se simples.

Bossa (2013) afirma que, na maioria das vezes, o que deveria ser simples torna-se problema com consequências graves para o futuro da criança. Portanto, é necessário que se busque desde o início a orientação de um profissional especializado para realizar uma intervenção apropriada para cada criança. É essencial que o professor faça a intervenção e o psicopedagogo contribua no diagnóstico psicopedagógico, sendo uma relação de troca.

Entendo que o psicopedagogo é de grande relevância na escola, pois tem conhecimentos especializados para descobrir o motivo da dificuldade de aprender, ajudando o professor e a escola a solucionar esse problema e evitar que atrapalhe a vida escolar aluno.

Por falta de estudos científicos, pais e professores castigavam o aluno que não aprendia a ler e a escrever, isso era muito cruel, porque a aprendizagem depende da interação entre o professor, aluno e o conhecimento. O professor precisa ter competência e o aluno esforço e investimento para aprender.

Houve tempo em que para ser alfabetizado bastava assinar o nome e decodificar as letras, palavras e frases. Imagine vivendo assim hoje! Nos tempos modernos precisamos de muito conhecimento para viver melhor, por isso temos que continuar a aprender.

Para Nunes (2011), o professor deve dominar os conteúdos a serem ministrados, as metodologias, as estratégias de ensino, bem como, compreender os aspectos relacionados à ética, à política e a afetividade.

Para que isso ocorra, ao estudar os conteúdos a serem ministrados o professor precisa refletir sobre a melhor estratégia para alcançar um ensino-aprendizagem com êxito e, para isso, terá que buscar seus conhecimentos teóricos e práticos, o que lhe exige um esforço muito grande. (NUNES, 2011)

É necessário, ainda, ter compreensão da afetividade, o processo do aprender implica em sujeito que está em harmonia corpo e mente. Precisamos lapidar as emoções dos alunos, trazer vida e sentido para os conteúdos, fundamental na aprendizagem significativa.

O profissional da educação precisa se conscientizar de que sua ação reflete na vida do aluno, que deve possuir uma postura sempre responsável e positiva, de tal forma que o aluno sempre perceba o seu potencial, equilibrando sonho e realidade enquanto formador cidadãos. Jamais deve desistir do seu aluno.

Outro elemento fundamental no processo de ensino aprendizagem é a ética que, inclusive, se relaciona com todos os atores do processo: alunos, professores e demais servidores da educação.

Atualmente, o educador enfrenta o grande desafio de ensinar a todos os seus alunos a ler e a escrever, identificando eventuais dificuldades de aprendizagem e propondo estratégias de diagnóstico e combate aos sintomas, seja através dos conhecimentos da pedagogia, psicopedagogia ou mesmo da neurociência.

2.9 Direitos de Aprendizagem no Primeiro Ciclo de Alfabetização

Todas as crianças têm o direito de aprender os conhecimentos acumulados pela sociedade, e isso não é privilégio de classe social, é para todos. Moacir Gadott (2003, p. 47) afirma que "a educação é necessária para a sobrevivência do ser humano", principalmente nos dias atuais, onde o conhecimento é uma concepção de vida - aprende-se para viver melhor o que se sabe e continuar aprendendo durante toda a vida.

Nós seres humanos somos inacabados por natureza e dependemos dos outros para vivermos. O desafio do educador é garantir que os alunos tenham direitos de aprendizagem respeitados; é seu dever estimular, incentivar e

trabalhar a heterogeneidade como ponto de partida para iniciação do conhecimento especializado.

Minha experiência como docente tem revelado que a maioria dos professores trata os alunos como um ser homogêneo, dotado das mesmas vivências e oportunidades, o que é uma crueldade, já que a criança deve ser considerada na sua totalidade como ser único, com valores individualizados, com sentimentos próprios, portadoras natas do direito à igualdade e a diferença.

O reconhecimento da pluralidade de conhecimentos e de valores em circulação nas sociedades e nas escolas vulnerabiliza e desestabiliza o status que preconiza a superioridade do conhecimento formal e dos modos ocidentais burgueses de estar no mundo sobre os outros (OLIVEIRA, 2013, p. 387)

Neste sentido, é necessário que o professor conheça as peculiaridades de seu aluno, traçando estratégias de ensino a partir da sua realidade, transformando-o num ser protagonista e não num mero reprodutor de conhecimentos.

Para que isso ocorra, o professor precisa dar oportunidades ao aluno para se expressar oralmente e ensinar-lhe a usar a sua linguagem em instâncias públicas, a fazer o uso adequado da língua oral de forma competente. Creio ser este o ensinamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997):

Expressar oralmente é algo que requer confiança de si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende da escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. De nada adianta aceitar o aluno como ele é, mas não lhe oferecer instrumentos para enfrentar situações em que não será aceito se reproduzir as formas de expressão próprias de sua comunidade. (BRASIL, 1997, p. 49)

Portanto, considerar a língua oral do aluno em sala de aula é algo que pode favorecer boas situações de aprendizagem de acordo as atividades que demandam fala, escuta e reflexão da língua. Para isso, elas devem ser contextualizadas tanto na área de língua portuguesa como nas demais áreas do conhecimento.

Desse modo, o professor precisa dá conta da heterogeneidade, ser capaz de investigar, ser flexível, de procurar métodos diferenciados, capaz de identificar, analisar problemas de aprendizagem e de elaborar respostas diferentes a situações educativas.

Nesse aspecto, é pertinente a contribuição de Nunes (2011) quando diz que o educador deve rever a sua postura e ser coerente entre o que se faz e o que se fala, fazendo uma reflexão onde a teoria irá contribuir para melhorar a prática pedagógica e a prática pedagógica possa auxiliar na teoria.

Sabe-se que podemos aprender a ler e a escrever em qualquer fase da vida, porém é na infância que ela acontece com maior intensidade. Por isso, quanto mais cedo a criança aprender, maior será as chances de se desenvolver e ter êxitos nos estudos posteriores.

A Constituição da República Federativa do Brasil garante a Educação como direito de todos e dever do Estado, da Família e da Sociedade. Muitos analistas da área da Educação não hesitam em afirmar que, na verdade, o Estado organiza os currículos escolares para garantir os privilégios da propriedade privada e os interesses da classe dominante.

Nessa ótica, o professor precisa interpretar os conteúdos escolares com muita responsabilidade, não se limitando apenas à reprodução dos conteúdos que lhe são delegados pelos órgãos governamentais, sob pena de criar “massa passiva” de indivíduos, quando, na verdade, tem o compromisso de formar cidadãos ativos, construtores da sua própria história e comprometidos com o desenvolvimento da nação.

Portanto, não poderia ser mais nobre a função do professor, já que o cidadão consciente é produto do seu conhecimento, métodos e técnicas de ensino.

O direito à Educação Básica é garantido a todos os brasileiros e, segundo prevê a Lei Federal 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional “tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável ao exercício da cidadania e favorecer-lhe meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores” (Art. 22).

Dessa forma, a Escola é obrigatória para todas as crianças e tem papel fundamental no seu desenvolvimento como cidadão e, dentro dessa

obrigatoriedade, temos como prioridade o ensino da leitura e da escrita, como está insculpido no Art. 32, da LDB:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6(seis) anos de idade terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:
 I - O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita, e do cálculo;
 II - A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que fundamenta a sociedade;
 III - O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo em vista a aquisição de conhecimentos de habilidades e formação de atitudes e valores;
 IV - O fortalecimento dos vínculos da família dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Garantir igualdade de direitos a todos não significa ensinar de igual modo a todos (mesma vida, mesmos caminhos), mas dar oportunidade a todos para que escolham seu próprio caminho, em consonância às suas aptidões e desejos. Como define Inês Barbosa (2013):

Defender a igualdade de direitos pressupõe, portanto, a aceitação e reconhecimento das diferenças individuais e culturais que nos levam a buscar, e nos permitem escolher, umas e não outras formas de estar no mundo. A igualdade precisa incluir o direito à diferença. Não creio ser necessário defender a ideia de que as pessoas são diferentes umas das outras, bem como os grupos sociais. (BARBOSA, 2013, p. 388)

O educador deve, ainda, pautar-se em valores universais, como os direitos humanos, a ética, a solidariedade, a honestidade, tolerância às indiferenças, entre outros, sempre criando um ambiente de convivência mútua.

2.10 O Sentido do Ensinar e Aprender

A maioria dos professores afirma que os currículos escolares não estão apropriados ao contexto dos alunos que temos na sala de aula. As salas lotadas dificultam o ensino aprendizagem, principalmente na alfabetização que precisa de maior intervenção do professor. Por quem foi organizado os conteúdos escolares? Como foram elaborados?

As turmas do 1º e 2º anos do ciclo de alfabetização, em Carinhanha, seguem as diretrizes curriculares oficiais, porém há queixas dos professores de que o aluno não consegue acompanhar o livro didático. Para contornar tais

dificuldades, os professores adotam algumas estratégias como a utilização do lúdico, dramatização, música, entre outras, contribuindo, desta forma, para o processo de ensino aprendizagem.

A Secretaria Municipal de Educação trabalha em parceria com os Coordenadores do PNAIC, programa este que tem como objetivo alfabetizar todas as crianças na idade certa. A escola adota, ainda, projetos interdisciplinares elaborados pela Secretaria de Educação do Município.

No início de cada ano letivo, a Secretaria de Educação oferece aos educadores palestras, seminários e cursos para suporte ao planejamento escolar. É um momento muito importante, pois traz temas atualizados, há troca de experiências entre os profissionais, constituindo-se num grande momento de reflexão.

Após cada professor elaborar suas estratégias de ensino, tal planejamento é entregue à Direção da unidade escolar que, em seguida, o repassa à Secretária Municipal de Educação. O planejamento escolar é feito semanalmente em horário oposto ao da aula. Quinzenalmente reúne-se a equipe pedagógica da escola para discutir assuntos pertinentes ao desenvolvimento cognitivo das crianças.

A escola promove a cada final de unidade o grêmio estudantil, onde os alunos apresentam atividades relacionadas aos conteúdos trabalhados em sala de aula. É um momento de significativa aprendizagem e socialização de conhecimentos. A família é convidada para prestigiar o evento.

No Município de Carinhanha, logo que se inicia o ano letivo entregam-se aos alunos os livros didáticos. E eles os recebem com grande alegria, porém, no decorrer do ano percebe-se que a maioria deles acabam se desinteressando pelos livros. Professores afirmam, em encontros pedagógicos, que tais crianças perdem o interesse em razão de ainda não saberem ler com fluência ou não entenderem os seus conteúdos. Mas será que o problema não está no sentido que a leitura tem para ele?

Gadotti (2003, p.11) afirma que “aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com o sonho da mente”. Pois é nela que tudo acontece. Em outras palavras, o professor precisa ser capaz de olhar tudo que está à sua volta, sentir, observar, parar e ouvir as emoções dos alunos, pois a beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar.

As crianças estão sendo introduzidas através dos livros ao estudo da leitura e escrita. Mas ninguém se preocupa em explicar a elas que os textos são resultados dos pensamentos de pessoas comuns como nós que sempre questionou sobre a vida, o modo de ser e viver. E que em todo o tempo a humanidade busca respostas para suas perguntas como toda criança quer saber e entender o mundo.

Os alunos precisam entender que ao resolverem problemas, passarão por erros, acertos, insegurança e que, muitas vezes, homens e mulheres interromperam suas buscas por falta de vontade, esforço, determinação, de tentarem mais uma vez. E que toda busca requer investimento e coragem para não desistir do que se quer alcançar.

Podemos até ter certeza de respostas encontradas em tempos passados, porém, não podemos nos esquecer de que existem pessoas de diferentes culturas que interpretam e entendem a natureza de forma diferenciada. E o aluno precisa compreender isso para dar sentido à sua história.

Gadotti (2003) diz que o professor deve ver sentido no que se está fazendo. Antes de ensinar, precisa reconhecer o sentido do ensino. Desse modo, o educador deve se perguntar: Qual é o papel do educador, da escola, da educação? O que o professor pode fazer, o que deve fazer, o que é possível fazer?

Ainda na perspectiva de Gadotti, para a transformação nas condições de nossas escolas, o professor precisa ser capaz de criar um novo sentido para a sua profissão que está ligada a própria função da escola aprendente, pois só se faz bem o que se faz com sentido.

Desse modo, Gadotti (2003) entende que a essência de ser professor hoje é diferente de algumas décadas atrás, as novas tecnologias criaram espaços de conhecimento. Além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram educativos, e para alcançar essa mudança o professor precisa se tornar um mediador do conhecimento.

Ademais, Gadotti (2003) destaca a essencial tarefa de educar não só na forma de conduzir o ensino como na aprendizagem e na sua formação. O papel do professor na tarefa de ensinar não é mais fácil nem mais difícil, é diferente, pois a velocidade da informação envelhece e morre.

No contexto educacional em que o professor se tornou um aprendiz permanente se torna um construtor de sentidos e um cooperador responsável pelo bom andamento das atividades docentes, essas atitudes constituem elementos fundamentais.

Para Gadotti (2003), o professor é muito mais um mediador do conhecimento e o aluno o sujeito da sua própria formação. Por se tratar de uma mudança de sentidos permite ao professor operar alterações no que faz e apontar novos sentidos no que fazer dos seus alunos, deixando de ser um “lecionador” para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem.

Os livros de alfabetização não permitem que os alunos pensem, analisem as questões, vêm com definições prontas. As atividades não provocam o raciocínio, não oportunizam o pensamento reflexivo. Os livros se tornam cansativos e desestimulantes. Esse tipo de ensino só ensina a cópia e repetição.

O aluno que não aprende a pensar não desenvolve seu senso crítico. Aprende que sempre existe alguém que já pensou por nós e acredita que o que está nos livros é verdade inquestionável. Assim, o professor precisa estar preparado para dá sentido à sua aula, ainda que o livro didático esteja fragmentado.

Os livros que dão início à vida escolar do aluno chegam fragmentado sem encanto, até as poesias estão resumidas, e isso empobrece a criatividade do aluno. Os livros literários são mais atrativos para as crianças porque despertam a curiosidade e a imaginação. Qual criança não decora os versos rimados “a mentira e suas consequências” de Ruth Rocha? Além de proporcionar uma leitura agradável traz grande ensinamento às crianças.

Apesar de estarmos em pleno século XXI, bombardeados de imagens da TV, do celular e do tablet, a fantasia, a brincadeira, a música, a imaginação, a poesia e o espírito de imaginação ainda estão presentes na vida da criança.

Por que muitos livros didáticos perdem o sentido, perdem o seu encanto? A história é cortada, não tem espaço para a música, a dramatização e nem para a fantasia. O lúdico acaba ficando para depois, quando, na verdade, deveria ser prioritário na Educação dos anos iniciais. Após o texto, é de fundamental importância um roteiro de interpretação que favoreça a

memorização e a repetição de ideias, bem como o trabalho com a gramática e a ortografia.

Interpretar acabou ocupando, na Escola, espaço maior que a dedicação à leitura e a criação de textos, que são fundamentais para que os alunos dos anos iniciais aprendam a pensar e a desenvolverem seu senso crítico.

Ao transmitir os conteúdos do livro, o educador precisa refletir sobre: o que é alfabetizar hoje? Quais melhores estratégias para conduzir o ensino de forma significativa no momento da fala, da leitura, da escrita e da composição de textos individual e coletivo. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) nos alertam:

A relação que se estabelece entre leitura e escrita, entre o papel de leitor e escritor, no entanto não é mecânica: alguém que lê muito não é automaticamente, alguém que escreve bem. Pode-se dizer que existe uma grande possibilidade de que assim seja. É nesse contexto- considerando que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos- que a relação entre essas duas atividades deve ser compreendida. (BRASIL, 1997, p. 52-53)

Em ocasiões especiais, quando se promovem na escola festas e comemorações, é comum aparecer alunos cantando, dançando, dramatizando, lendo e recitando. A criatividade das crianças nos encanta e acaba superando as nossas expectativas. Muitos deles, considerados indisciplinados e com dificuldade de aprendizagem, acabam sendo os que mais participam, com incrível capacidade de iniciativa, ajudam na confecção do material para ornamentação, participam dos ensaios e colaboram com os professores nas atividades escolares.

Esse é um momento oportuno para que o professor crie possibilidades de aprendizagem colaborativa. Como alerta Gadotti (2003, p. 27) “a competência do professor não se mede pela sua capacidade de ensinar - muito menos ‘lecionar’ - mas pelas possibilidades que constrói para que as pessoas possam aprender, conviver e viverem melhor”.

Portanto, o professor precisa criar essas oportunidades para o aluno se desenvolver e perceber o verdadeiro sentido da aprendizagem que é melhorar a sua vida; e ela se faz nas experiências do dia a dia com os outros e, assim, aprende a conviver com as diferenças.

Gadotti (2003, p.41) afirma que “a educação não é só ciência, mas também arte”, nos mostrando que o ato de aprender é complexo, pois aprendemos atuando, agindo e fazendo, fazer gera conhecimento, habilidade e saber.

O educador dos dias atuais precisa despertar no aluno o senso de cooperação, responsabilidade, precisa tocar suas emoções, não só na teoria, como também na prática. As comemorações nos fazem vibrar a beleza da vida e o aprender fica mais gostoso. No dizer dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997):

Um dos objetivos da educação escolar é que os alunos aprendam a assumir a palavra enunciada e a conviver em grupo de maneira produtiva e cooperativa. Desta forma são fundamentais as situações em que possam aprender a dialogar, a ouvir o outro e ajuda-lo, a pedir ajuda, aproveitar críticas, explicar um ponto de vista, coordenar ações para obter sucesso em uma tarefa conjunta, etc. (BRASIL, 1997, p. 97)

O educador deve aproveitar esses momentos para trabalhar em grupo de maneira cooperativa e valorizá-los como forma de convívio escolar e social, pois sabemos que esses comportamentos são essenciais à vida em sociedade.

No município de Carinhanha as escolas trabalham com o projeto “Horta Escolar”. Além da abordagem teórica, o professor tem como rotina diária levar os alunos aos canteiros das escolas para que reguem as plantas. Os alunos tornam-se motivados, desenvolvem o senso de responsabilidade e cuidado para com o meio ambiente.

Para Gadotti (2003), o Universo está muito próximo de nós. Uma experiência que se faz com a horta, um jardim ou um pedaço de terra nos ensina os valores da emoção com a terra como: a vida, a morte, a sobrevivência, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, da transformação e da renovação.

Quando a Escola trabalha uma proposta viva, nos ensina ideias democráticas fundamentais para tornar pessoas responsáveis, capazes de fazer escolhas, de decidirem, impulsionam suas capacidades de iniciativa e o espírito de colaboração; e assim, formam cidadãos comprometidos com o planeta.

Todas as nossas escolas podem transformar-se em jardins e professores alunos, educadores-educandos, em jardineiros. O jardim

nos ensina ideias democráticas: conexão escolha, responsabilidade, decisão, iniciativa, igualdade, biodiversidade, cores, classes, etnicidade e gênero. (GADOTTI, 2003, p.62)

A criança que tem no seu dia a dia o cuidado com a natureza, o compromisso com a vida da planta ou de um jardim terá condições de aprender ética e moral. Essas crianças desenvolvem um senso de responsabilidade que perpassa os conteúdos. Ela não irá pisar na grama porque tem um guarda, uma câmera de segurança ou uma placa, mas sim, porque reconhece o valor e sabe o trabalho que devemos ter para com o meio ambiente.

Por fim, o professor precisa ter clareza do sentido do ensino/aprendizagem na sua prática pedagógica, criando novos olhares e novas estratégias para a consolidação de uma sociedade culta, justa e solidária.

3 MARCO METODOLÓGICO

Neste capítulo, exponho o caminho percorrido durante a pesquisa, em seus aspectos qualitativos e quantitativos. Os dados foram colhidos de forma precisa, onde ficou comprovado que as dificuldades derivam de diversas situações. É tarefa do professor identificar suas causas e buscar a melhor alternativa para solucioná-las.

A pesquisa de campo foi realizada por meio de questionário de pesquisa, com questões relacionadas ao processo de ensino dos professores, bem como, o confronto das teorias à luz de uma visão teórica e científica com enfoque no contexto educacional para melhor fundamentar e analisar os problemas de aprendizagem.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, quantitativa, que segue os seguintes passos de ordenação dos dados, classificação e análise final.

O método utilizado foi a entrevista, com técnica exploratória e bibliográfica. Houve leituras e estudos de autores com diferentes pontos de vista acerca da aprendizagem de leitura escrita e possíveis dificuldades no contexto escolar tanto no ensino como na aprendizagem.

Esta pesquisa foi realizada numa escola pública localizada no Bairro São Francisco, município de Carinhanha, interior da Bahia. A escolha foi feita pelo antigo vínculo profissional nesta unidade. O público escolar é formado por crianças com muitas dificuldades de aprendizagem.

A pesquisa bibliográfica foi realizada através de fontes de leitura como: livros, sites, revistas, jornais, artigos, dissertações e teses, que abordam o ensino e a aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental I. Essa diversidade bibliográfica será muito importante para a abrangência, confiabilidade e validade da pesquisa.

Para Lakatos e Marcondes (2003, p.183) “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Partindo dos objetivos propostos em analisar as dificuldades do ensino/aprendizagem de leitura e escrita no Ensino Fundamental do 1º, 2º e 3º anos

de uma escola pública. O estudo de caso abrange todos os professores da unidade escolar. A técnica utilizada para coleta de dados foi o questionário.

O questionário foi estruturado, seguindo um roteiro previamente estabelecido. Esta pesquisa foi realizada numa escola municipal com todos os envolvidos no processo educativo (8 professores, um diretor, e um coordenador) os quais aceitaram participar do questionário aplicado.

A pesquisa fundamentou-se em perguntas fechadas e abertas numa sequência lógica de acordo com o tema, problema e objetivos. O questionário forneceu respostas necessárias para a análise da situação, fazendo entender e chegar mais perto possível das dificuldades de aprendizagem.

De acordo Prodanov (2013, p.43) “pesquisar significa, de forma bem simples, procurar respostas. Podemos dizer que, basicamente, pesquisar é buscar conhecimento”. Neste sentido pensa-se fazer pesquisa quando queremos conhecer e entender algo que é importante para nós.

A pesquisa num sentido amplo é a busca de uma resposta para um problema que podemos obter através da consulta- de livros e revistas, verificar documentos, conversar com pessoas, fazendo perguntas para obter respostas são formas de pesquisa, considerada como sinônimo de busca, de investigação e indagação. Esse sentido amplo de pesquisa se opõe ao conceito de pesquisa como tratamento de investigação científica que tem por objetivo comprovar uma hipótese levantada, através do uso de processos científicos. (PRODANOV, 2013, p.43)

De acordo Gil (2002) a pesquisa tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias. Este autor garante que as pesquisas podem ser classificadas em exploratórias, descritivas e explicativas. Embora a pesquisa exploratória seja bastante flexível, na maioria dos casos, caracteriza-se como forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso.

Pesquisa é a atividade Científica pela qual descobrimos a realidade. Partimos do pressuposto de que a realidade não se desvenda na superfície. Não é o que aparenta na primeira vista. Ademais, nossos esquemas explicativos nunca esgotam a realidade, porque esta é mais exuberante que aqueles (DEMO, 1985, p.23)

Segundo Demo (1985) pesquisa é um processo interminável, intrinsecamente processual. É um fenômeno inesgotável, nunca uma situação definitiva, sempre haverá o que descobrir.

3.1 Os Conceitos Atribuídos à Pesquisa, Trabalho de Campo, Metodologia e Método

Na construção e elaboração de uma tese existem regras a serem respeitadas para a produção científica, que devem estar de acordo a (ABNT) Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Segundo Silva (2005, p.22) “Pesquisa é a construção de conhecimento original de acordo com certas exigências científicas. Para que seu estudo seja considerado científico você deve obedecer aos critérios de coerência, consistência, originalidade e objetivação”.

De forma particularizada, Lakatos e Marcone (1992) nos ajuda a entender melhor o conceito de pesquisa bibliográfica, ao se ocupar com o que compreende fontes bibliográficas:

A pesquisa bibliográfica ou fontes secundárias é a que especificamente interessa a este trabalho. Trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto (LAKATOS E MARCONE, 1992, p.43-44)

Com a intenção de ser mais específico, recorro a Demo (1985), que ressalta a importância de deter a nossa atenção para a conceituação e consideração sobre a metodologia. Para esse autor, essa atenção nos revela que:

A metodologia desenvolve a preocupação em torno de como chegar a isto. É importante percebermos que a ideia que fazemos da realidade de certa maneira precede a ideia de como tratá-la. Nisto fica clara sua posição instrumental, porquanto está a serviço da captação da realidade. Se não temos ideia da realidade, sequer coloca a ideia da captação. (DEMO, 1985, p.20)

É, portanto, nessa perspectiva que aqui trata a metodologia. Destaco a importância de termos uma maior clareza da conceituação de metodologia, de seus procedimentos e de suas técnicas, entendendo a necessidade de se garantir cientificidade ao termo. Do mesmo modo, concordo com Prodanov (2013) “Metodologia é a aplicação dos procedimentos e técnicas que devem ser seguidos para a construção do conhecimento com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade” (p. 14)

Mas o que é realmente um método de procedimento?

São consideradas um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência, são, também, a habilidade de usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos. Correspondem, portanto, à parte prática da coleta de dados. Apresenta duas grandes divisões: documentação indireta, abrangendo a pesquisa documental e a bibliográfica e documentação direta. (LAKATOS E MARCONE, 1992, p.107)

Uma vez conhecedor dos métodos existentes, o pesquisador poderá dar cientificidade ao seu trabalho, com um melhor tratamento do problema abordado, definição dos objetivos específicos, dos métodos mais adequados ao seu estudo, da escolha do instrumento de coleta, entre outros.

Este trabalho é classificado como aplicado, pois como afirma Prodanov (2013) o que caracteriza este tipo de pesquisa é a busca do conhecimento para aplicação prática através da solução dos problemas específicos que envolvem verdades e interesses da localidade.

O presente estudo se caracteriza:

a) Quanto à pesquisa teórica. Caracteriza-se pelo domínio dos clássicos de uma determinada teoria, pois eles trazem acumulação do conhecimento, a discussão sobre o assunto para aplicação prática no dia a dia.

Ao discorrer sobre a importância da leitura dos teóricos, Demo nos chama a atenção que:

A leitura bibliográfica é, vital, porque, mais do que resultados já obtidos temos discussões intermináveis, que só conseguimos acompanhar pela leitura assídua. O domínio dos autores pode ajudar muito a criatividade do cientista, porque através deles chega a saber o que dá certo, o que não deu certo, e assim por diante. (DEMO, 1985, p.24)

Aqui, Demo retoma o sentido do embasamento teórico, ou seja, atribui às leituras um referencial que servirá como embasamento teórico para a verificação do que dá certo e o que não dá certo. Problematizar o conhecimento é ir em busca de novos horizontes mais realistas e profundo.

Demo (1985) ressalta outra característica importante da metodologia que é a reflexão metodológica, fundamental para o amadurecimento científico e que faz desabrochar nossa opção teórica e prática diante da ciência. Para ele, os caminhos percorridos pelos autores geram conhecimentos específicos e

concretos para aplicação a situações, fenômenos, fatos e interesses particulares.

Refletir sobre a metodologia desde as leituras dos autores constitui um exercício de grande importância para quem quer aprofundar na pesquisa. Todas as leituras feitas tendo como referência os teóricos, ganham outra perspectiva na medida em que o pesquisador tem a oportunidade de experimentar a teoria na prática.

Ainda, segundo Demo (1985) “o grande valor da pesquisa empírica é o de trazer a teoria para a realidade concreta”. Ele afirma que o pesquisador não deve levar em conta somente o mensurável para não se tornar superficial. Mas se souber usar os dados relevantes da realidade será como um medicamento, pois, “nada melhor para a teoria que uma boa prática e vice-versa” (p.26)

Nessa perspectiva, o pesquisador passa a ter um ponto de vista diferente, onde o olhar deixa de se restringir apenas àquele que leu e escreveu sobre dificuldades de leitura e escrita, passando a incluir aquele que vivenciou a prática de modo efetivo.

b) Quanto à abordagem do problema é qualitativa.

A pesquisa qualitativa segundo Prodanov (2013) trabalha com a subjetividade do sujeito e considera que existe uma relação entre a realidade e o sujeito. Na interpretação o mais importante é o significado. Os dados não são o centro da análise, eles apenas retratam o maior número possível de elementos existentes na realidade.

Oliveira (2011, p.24) argumenta que “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Ao mesmo tempo ele esclarece que é no contato direto com o ambiente e situação que o pesquisador percebe a importância dos dados da pesquisa.

Em relação à análise de dados, diz:

Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos, fotografias, desenhos, documentos, etc. Todos os dados da realidade são importantes. (OLIVEIRA, 2011, p.25)

Assim, para Oliveira (2011) o mais importante é o processo e não o resultado. O pesquisador se interessa em estudar o problema e entender como

se manifesta nas atividades, nos procedimentos e na interação do dia a dia. Seu foco de atenção é o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida. Neste estudo, os dados são analisados de baixo para cima, isto é, está presente a subjetividade do pesquisador.

Quanto à pesquisa quantitativa ela é um método de pesquisa que permite a aplicação de questionários e possui caráter exploratório aos entrevistados. Segundo Richardson (1999), essa pesquisa é caracterizada pelo emprego de quantidade, tanto na coleta de informação quanto no tratamento das técnicas estatísticas.

Para Deslandes (2009), o trabalho de pesquisa qualitativa passa por um ciclo que começa com uma pergunta e termina com uma resposta ou originam-se novos questionamentos. A primeira fase é a exploratória - momento da produção do projeto, que necessita de empenho e dedicação; trabalho de campo - que consiste em levar para a prática a construção da pesquisa; e a terceira - a análise e tratamento do material, que consiste na compreensão e interpretação dos dados coletados com as leituras teóricas para fundamentar o trabalho. Podemos seguir os seguintes passos:

- a) Ordenação dos dados;
- b) Classificação dos dados;
- c) Análise final.

Há etapas a serem seguidas na pesquisa quantitativa e se forem seguidos os resultados serão convincentes: objetivo da pesquisa, explicação da população e amostra, preparação do questionário, coleta de dados (tabulação), análise dos resultados, apresentação e divulgação dos resultados.

De acordo Deslandes et al (2002), a diferença entre qualitativo e quantitativo está na natureza. Enquanto a abordagem quantitativa preocupa-se com estatística, isto é, com o que pode ser medido, visível e concreto, a qualitativa aprofunda-se com o significado das ações e relações humanas não percebidas e não captadas em meras estatísticas. Nesse sentido, ambas se complementam por estarem interligadas, pois a realidade abrange e interage nessas duas abordagens.

a) Quanto aos objetivos:

É uma pesquisa explicativa. A pesquisa passa pela fase da compreensão e da explicação através do objeto do estudo (leitura e escrita). Visa identificar

os fatores que contribuem para o processo de leitura e escrita e fatores que atrapalham o processo. Explica o porquê da ocorrência dos fenômenos.

Nesse sentido, Gil (2008) reafirma que as pesquisas explicativas “são aquelas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”.

Prodanov (2013) ressalta que a pesquisa qualitativa tem como objetivo primordial a necessidade em aprofundar a realidade através da manipulação e do controle das variáveis, sendo o alvo identificar a variável que independe ou determina a causa do fenômeno.

b) Quanto aos procedimentos técnicos:

Será dialético, campo, explicativo, documental e bibliográfico. Este é bibliográfico porque se baseia em fontes epistemológica, teórica, conceitual e metodológica.

Método dialético segundo Gil (2013) é aquele que parte da premissa na natureza em que tudo se relaciona, transforma, e há sempre uma contradição inerente a cada fenômeno. Nesse método o pesquisador precisa conhecer o fenômeno e estudá-lo em todos os seus aspectos, relações e conexões. O conhecimento é tratado não de forma rígida, mas sim como um processo em movimento.

Caracteriza-se como dialética, pois visa explicar o fenômeno através do contexto para analisar o problema e torná-lo explícito ou entendê-lo em todos os seus aspectos e dimensões.

Neste sentido, Demo ressalta: “A dialética acredita que a contradição mora dentro da realidade. Não é defeito. É marca registrada. É isto que faz um constante vir a ser, um processo interminável, criativo e irrequieto. Ou seja, que a faz história”

O questionário foi realizado com oito professores das séries iniciais do ensino fundamental de uma Escola Municipal, com perguntas fechadas e abertas, teve uma sequência lógica de acordo com o tema, problema e objetivos.

Ao final, os dados foram interpretados através dos conteúdos obtidos no questionário e, comparados com as hipóteses e verificado o número de objetivos alcançados. Esse processo de coleta de dados dará sustentabilidade e confiabilidade à pesquisa.

A coleta de dados foi feita com as respostas dos professores, coordenador e diretor seguidas do estudo com os teóricos da área, com o objetivo de responder a pergunta da pesquisa, utilizando as metodologias e métodos em conjunto para conseguir, em forma máxima, chegar ao resultado final, seja ele afirmativo ou não.

Os dados serão analisados através da descrição dos gráficos pensando na totalidade e ao mesmo tempo cruzando os dados para melhor compreensão, assim como abordagens de diferentes pontos de vista sobre o problema em análise.

De acordo Marcone & Lakatos (2003) o questionário estruturado é uma técnica de obter respostas sem a presença do pesquisador. Cita algumas vantagens como: ele atinge o maior número de pessoas. Pode ter perguntas abertas e fechadas. As abertas proporcionam riqueza e variedade nas respostas e as fechadas facilidade em analisar e tabular os dados.

A vantagem do estudo de campo é:

O estudo de campo apresenta vantagens em relação aos levantamentos. Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos. Como não requer equipamentos especiais para a coleta de dados, tende a ser mais econômico. E como o pesquisador apresenta nível maior de participação torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais confiáveis. (GIL, 2002, p.53)

Conforme Gil (2002), a principal diferença da pesquisa bibliográfica da pesquisa documental está na natureza das fontes. A pesquisa documental não recebe ainda um tratamento analítico, ou ainda pode ser reelaborada de acordo com os objetos da pesquisa.

Ainda Gil (2002) apresenta algumas vantagens da pesquisa documental. Primeiro, considera que os documentos constituem uma fonte de riqueza e estabilidade dos dados. Seu custo é baixo. Não exige contato com o sujeito da pesquisa. A importância da elaboração da pesquisa não está na resposta do problema e sim porque proporciona melhor visão do problema ou então verifica as hipóteses por outros meios.

3.2 Local da Pesquisa

A pesquisa foi realizada na cidade de Carinhanha, localizada à margem esquerda do Rio São Francisco, na divisa com o Estado de Minas Gerais. A cidade vincula-se, economicamente, ao Município de Malhada (situada à margem direita do rio) e também aos municípios de Guanambi, distante a 111 km e Bom Jesus da Lapa, distante 141km, ambos funcionam como centro de negócios.

Carinhanha possui sua maior população na zona rural, distribuída entre as comunidades do Marrequeiro, Agrovila 15, Agrovila 16, Agrovila 23, Feirinha, Vila São João, Barra do Parateca, Feirinha de Santa Luzia, Vila São José, Barrinha, Angico, Estreito, Capinão e fazendas adjacentes.

O historiador carinhanhense, Honorato Ribeiro, sugere algumas evidências da origem do nome da cidade. Primeiro, Carunhanha, local devastado. Alguns observadores afirmam que fosse Carunhanha, isto é, “Loca de Sapo”. No entanto, a maioria considera nome indígena à grande quantidade de aves de nome Carunhanha. Outros historiadores dizem que é derivado de “arinhanha” lontra, um animal do Rio São Francisco que come peixe. Formando assim o nome Carinhanha (RIBEIRO, SEM ANO, p.10-11). Por fim, há aqueles que acreditam que o Rio Carinhanha (afluente do Rio São Francisco) é, de fato, quem deu nome à cidade.

Sua área territorial é de 2.751.856 km². Possui uma altitude de 440m. Seu clima é semi-árido. A sua distância da capital é de 990 km.

Segundo o senso escolar INEP (2018) a cidade possui trinta escolas municipais, sendo onze delas localizadas na sede e dezenove na zona rural; uma Estadual e quatro escolas privadas, sendo duas da Educação Infantil do 1º ao 5º ano e uma do 1º ao 9º ano do ensino fundamental.

3.3 Universo da Pesquisa

Segundo Lakatos e Marcone (2003, p. 223) “conceituando universo ou população é o conjunto de seres animados ou inanimados que representam pelo menos uma característica em comum”

O universo da pesquisa abrange todos os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem da escola objeto da pesquisa, compreendendo direção, coordenação e professores, totalizando 10 pessoas, sendo oito professores, um coordenador e um diretor.

A técnica utilizada para coleta de dados foi a entrevista estruturada, seguindo um roteiro previamente estabelecido, com subsídios necessários para a análise da situação para se chegar mais perto possível das dificuldades de aprendizagem.

De modo geral as pesquisas sociais abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade. Por essa razão nas pesquisas sociais é muito frequente trabalhar com uma amostra, ou seja, com uma pequena parte dos elementos que compõem o universo. É o que ocorre, sobretudo, nas pesquisas designadas como levantamento ou experimento. (GIL, 2008, p.89)

3.4 Instrumento para Coleta de Dados

Os dados obtidos na pesquisa foram resultados das respostas do questionário respondido pelos atores educativos.

Escolhi esta metodologia porque se enquadra nos objetivos da pesquisa e tem todos os requisitos necessários para a elaboração e execução da tese, principalmente por oferecer meios eficazes para a interpretação dos dados através da análise dos conteúdos.

Neste caso, trata-se de uma investigação sobre levantamentos de dados para diagnosticar os problemas causadores da dificuldade de aprendizagem de leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública.

Foi adotado Questionário com perguntas fechadas e abertas aos educadores municipais (professores, coordenador e diretor) para analisar as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita nas series iniciais do Ensino Fundamental.

Os dados serão analisados através da descrição dos gráficos, pensando na totalidade e ao mesmo tempo cruzando as informações para melhor compreensão. A questão da oralidade dos professores embasando nos autores trará maior sustentação e confiabilidade na análise, assim como abordagens de diferentes pontos de vista sobre o problema em análise.

Os gráficos serão mostrados por meio dos resultados. O assunto tratado será interpretado pela autora de acordo as respostas dos envolvidos na pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados citados nesta pesquisa foram obtidos da aplicação de questionário aos educadores. Os gráficos foram extraídos das respostas dos professores acompanhados da análise e interpretação dos dados.

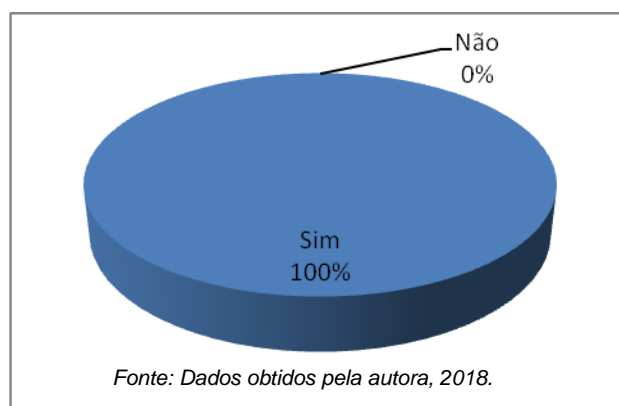
Essa metodologia foi escolhida pelo fato de ser coerente e precisa, tendo em vista a complexidade do tema: “Dificuldade de leitura e escrita nos anos iniciais” visto que, não é só o professor e o aluno os envolvidos na aprendizagem das crianças, mas também os pais e todas as pessoas que fazem parte do convívio familiar.

Neste caso, trata-se de um levantamento sobre os fatores que contribuem e atrapalham a aprendizagem de leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental de uma escola pública municipal.

4.1 Opinião dos Professores sobre as Questões Fechadas do Questionário de Pesquisa

Gráfico 01: Porcentagem das respostas dos educadores em relação à prática pedagógica baseada na realidade do aluno

Sim	10
Não	0



Todos os entrevistados responderam que na sua prática a metodologia é baseada na realidade do educando.

É imprescindível, portanto, uma educação que ensine valores baseados em metodologias concretas para que o educando busque referencial e expanda seus conhecimentos, levando-se em conta sua subjetividade.

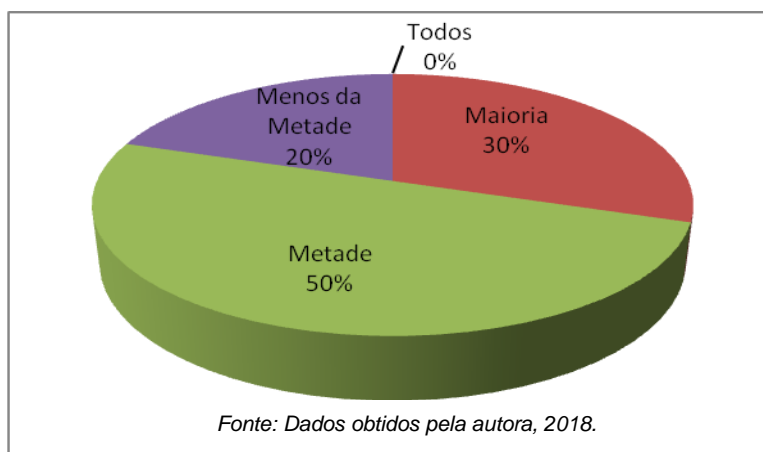
Segundo Paulo Freire (2003) a escola tem o dever de respeitar os saberes dos educandos, mas também discutir esses saberes com os conteúdos escolares estabelecendo uma intimidade entre os saberes culturais e os saberes escolares. O educador deverá oportunizar uma relação íntima do conteúdo com sua experiência social, como indivíduo. A autonomia dos alunos é beneficiada com os conteúdos, pelo diálogo entre docente e discente, tornando a aprendizagem significativa.

Nesse sentido, entendo que desde o início da escolarização o educador deve proporcionar momentos de reflexão e debate sobre o conteúdo a ser estudado e a construir sentido entre a vida do aluno e a escola. É um momento de envolver a família. O educador deve oportunizar a leitura de livros para serem lidos em casa.

O professor precisa conhecer seus educandos para que possa indicar caminhos e fortalecer o vínculo afetivo através da autoridade emocional, favorecendo o ensino e a aprendizagem.

Gráfico 02: Porcentagem dos alunos que leem porque gostam

Todos	0
Maioria	3
Metade	5
Menos da Metade	2



A maioria dos entrevistados respondeu que metade dos seus alunos gostam de ler. No entanto, ainda há uma parcela significativa de alunos que não gostam. Para despertar esse gostar é necessário desenvolver hábitos que possam facilitar essa aprendizagem não só no educando, como também no educador.

O educador precisa ser um leitor: aquele que ler como uma forma de entretenimento para contagiar os alunos, precisa também fornecer estímulos como a “contação de história”. Ela deve ser bem planejada com a confecção dos personagens contendo os recursos audiovisuais, cinestésico e auditivo. É um momento mágico.

É necessário também conhecer a família do educando e orientá-la para a importância do acompanhamento familiar para resgatar o comprometimento da família com o cuidado com os estudos da criança. Levar um livro para ler em casa desenvolve o senso de responsabilidade, além de outros benefícios como: concentração, raciocínio, criatividade, inteligência e repertório linguístico.

Um dos objetivos da leitura é desenvolver o gosto e o prazer de ler. Mas será porque nem todos conseguem? Todo ser humano nasce com requisitos para aprender, mas alguns sentem mais dificuldade. Para entender melhor o texto é necessário o contexto e, para isso, o professor deve conhecer seu aluno para poder ajudá-lo.

O educador tem o dever de incentivar o aluno e elogiá-lo sempre que estiver no caminho certo, mas também, deve deixar claro que assim como o jogo tem regras o processo da aprendizagem depende de dedicação, compromisso e perseverança. Ele precisa entender que a dificuldade é um processo natural de todo ser humano.

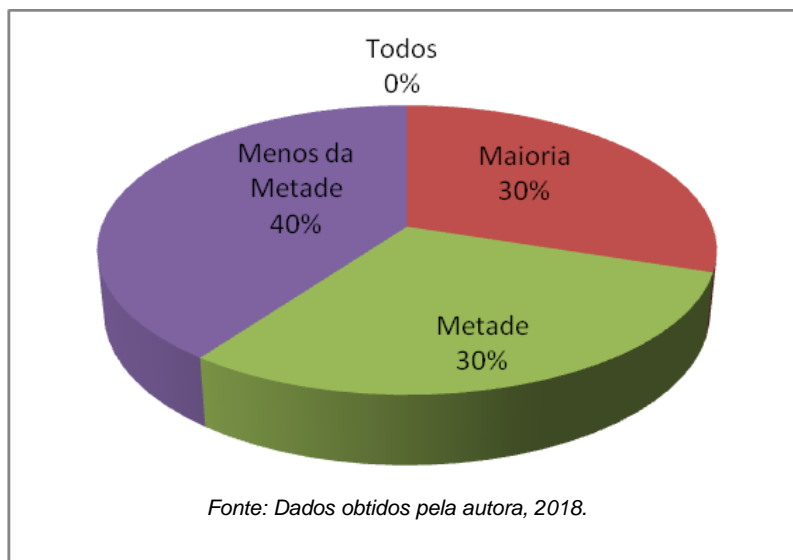
Certamente, para o professor ter êxito nessa sociedade aprendente, o professor, a professora precisam ter clareza sobre o que é conhecer, como se conhece, o que conhecer, porque conhecer, mas um dos segredos do chamado “bom professor” é trabalhar com prazer, gostando do que se faz. A gente faz sempre bem o que gosta de fazer. Só é bem-sucedido aquele ou aquela que faz o que gosta. (GADOTTI, 2003, p.44)

Portanto, é responsabilidade do professor estimular o gosto pela leitura, colocando-se como exemplo de leitor comprometido, promovendo uma rotina

diária como “tempo para ler”. Com o tempo, seus alunos também irão adquirir esse gosto e, certamente, tornarão leitores competentes e estimulados.

Gráfico 03: Porcentagem dos alunos que leem por obrigação

Todos	0
Maioria	3
Metade	3
Menos da Metade	4



Para uma parcela significativa dos entrevistados, seus alunos só leem quando se sentem obrigados.

É preciso, portanto, que tenhamos professores comprometidos com o ensino, que utilizem metodologias mais vivas e diversificadas, envolvendo também a família nas tarefas de classe. As crianças precisam ser desafiadas e questionadas para que se desenvolvam e busquem respostas para suas perguntas.

É importante que desenvolva uma rotina diária, onde os educandos tenham a oportunidade de saborear o gosto pela leitura, por isso, o professor deve favorecer que as crianças escolham o “seu livro” como forma de lazer e divertimento. Só assim conseguirão formar leitores, pois só ler muito quem lê por prazer e não por obrigação.

Um educador que lê todos os dias para seus alunos com entusiasmo e vive a ambiência e o encanto da leitura faz a diferença na vida das crianças, principalmente daquelas que não vivenciam essa experiência em casa.

É urgente resgatar a leitura, não aquela feita pela obrigação, que só ensina o aluno a odiar o ato de ler, e sim a leitura que nos move e ensina a ser alegre e esperançoso de aprender cada vez mais. De forma concreta Paulo Freire nos ajuda a entender melhor que ensinar exige alegria e esperança tanto de quem ensina quanto de quem aprende:

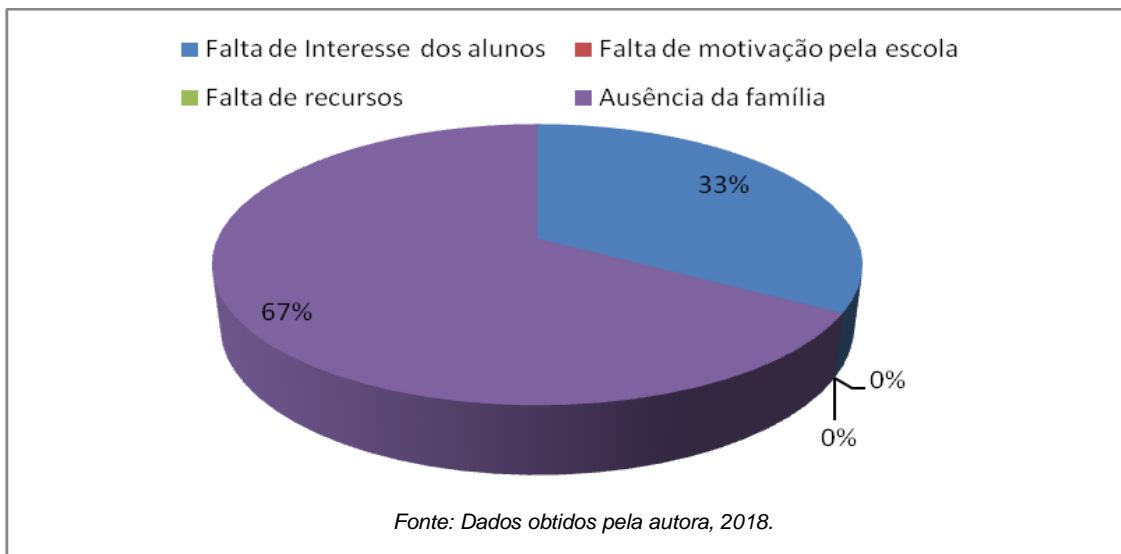
Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos da nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é aborto desse ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é negação da história (FREIRE,2003, p. 72)

Portanto, é necessário tanto para o professor quanto para o aluno alimentar a esperança que existe em todo ser humano. É importante que o educador exercite sua esperança para poder influenciar os seus alunos, com práticas concretas através do conhecimento, ação e reflexão.

Na verdade, todos nós somos programados a amar a leitura, pois os livros contam histórias e todas as crianças gostam de histórias, só que elas não sabem disso. Nós professores temos a obrigação de incentivar os alunos a descobrir qual é a história que gostariam de ler, e cada um tem um tipo de gênero que desperta o seu interesse, só basta descobrir.

Gráfico 04: Porcentagem relacionada às maiores dificuldades no trabalho de leitura e escrita

Falta de Interesse dos alunos	5
Falta de motivação pela escola	0
Falta de recursos	0
Ausência da família	10



A maioria dos entrevistados opinou que a maior dificuldade no trabalho é a ausência da família na escola e, em seguida, a falta de interesse dos alunos. Nesta pergunta, o entrevistado poderia responder a mais de uma alternativa.

São inúmeras as causas das dificuldades das crianças que atrapalham seu desempenho escolar. Sabemos que a família é a base da construção de uma pessoa. E que sua falta desencadeia vários problemas na vida, principalmente a escolar. É preciso estar atento ao comportamento dos educandos, pois eles dão pistas para descobrir a causa.

Nos dias atuais, em que se vive a era da informação, do conhecimento, das redes sociais, o professor precisa estar “antenado” a tudo aquilo que possa repercutir na vida das pessoas, em especial dos seus alunos, para que possa ser capaz de buscar as respostas mais fidedignas à realidade do aluno.

A autora Nádia Bossa nos alerta de como o psicopedagogo institucional poderá ajudar a escola a descobrir respostas do que ensinar. Como ensinar? E para que ensinar?

Pode realizar um diagnóstico institucional para detectar problemas pedagógicos que estejam prejudicando a qualidade do processo ensino-aprendizagem.

Pode ajudar o professor a perceber quando a sua maneira de ensinar não é apropriada à forma do aluno aprender.

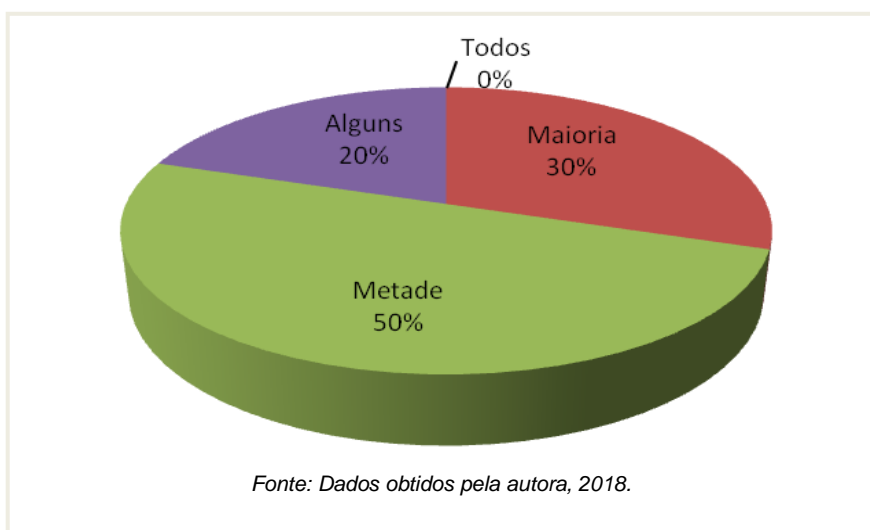
Pode orientar professores no acompanhamento do aluno com dificuldades de aprendizagem.

Pode ainda, realizar encaminhamentos com base nas avaliações psicopedagógicas. (BOSSA, 2013, p.74)

Segundo Bossa (2013), os conhecimentos do psicopedagogo têm caráter preventivo. Ele realizará um diagnóstico para descobrir a causa da dificuldade, pois um mesmo problema pode ter várias origens. É preciso, portanto, estudar o sintoma e descobrir a sua origem para cuidar do problema. E, através da avaliação desse profissional é possível orientar a família de forma correta e, se necessário, buscar o profissional mais adequado para solução do problema.

Gráfico 05: Porcentagem relacionada à participação da família na Escola

Todos	0
Maioria	3
Metade	5
Alguns	2



Segundo a maioria dos entrevistados, apenas metade das famílias participa da escola, o que deixa um “vácuo” significativo na propositura de soluções por intermédio da família dos educandos.

Para uma eficácia maior, a participação familiar precisa abranger a sua totalidade, sendo que ações da escola podem colaborar ao conscientizar a família sobre sua responsabilidade no processo de ensino/aprendizagem.

Uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomada de decisões deles não é uma intromissão mas um dever, até, desde que não pretendam assumir a missão de decidir por eles. A participação dos pais se deve dar sobretudo na análise, com os filhos, das consequências possíveis da decisão a ser tomada.(FREIRE,2003, p. 106)

Essa participação também deverá envolver atividade extraclasse, isto é, atividades que reforçam os conteúdos escolares, porém não pode restringir somente a isso. A integração da escola e família necessita ser uma realidade prática. “Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas”. FREIRE (2003, p.107). O aluno precisa perceber o empenho da família para se convencer da importância dos estudos. É muito difícil o professor sozinho convencer uma criança, mas se a família compreende que faz parte da formação do seu filho, a escola ganha um grande parceiro.

E isso é positivo para o aluno porque une laços afetivos e cognitivos, mesmo que a família não tenha conhecimentos para ensinar, contribui com o incentivo moral e o empenho da criança. Ganha o educador porque conhece a realidade de sua classe e tem conhecimentos específicos que auxiliam a família em promover uma rotina em casa, favorecendo o conhecimento.

Isso não significa, necessariamente, que a família seja a única forma de obter resultados positivos, porém, sem ela a aprendizagem não acontece de forma significativa, pois os pais exercem uma autoridade afetiva para com seus filhos. E o tempo da criança na escola é pouco. Assim, é muito importante o professor ter a consciência de orientar a família a usar sua autoridade de forma positiva e prazerosa, precisa estar atenta ao sono e às influências do meio.

O trabalho de conscientização da família muda o foco da escola, transmissão para o conhecimento e a memorização para a aprendizagem significativa. Compreende teoria e prática como conhecimento complementar,

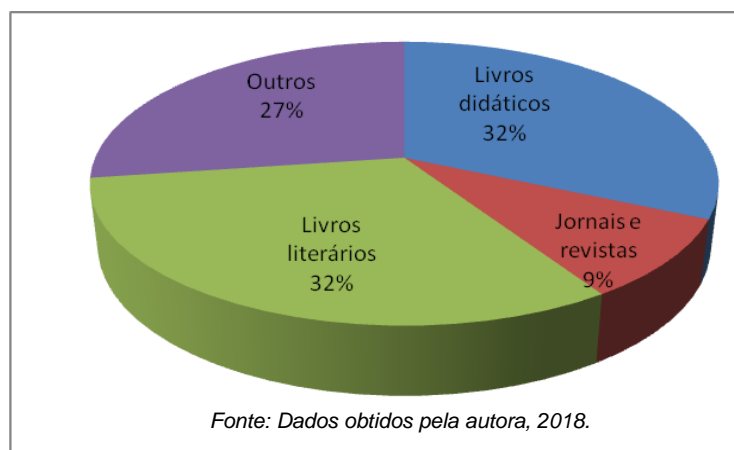
divide responsabilidades e tarefas, analisa, compara, adequa metodologias à realidade, mostra resultados, avalia não só a aprendizagem como também o ensino.

O aluno aprende com mais facilidade e desenvolve a capacidade de organizar, priorizar e estudar os conteúdos da aula dada. Para se ter resultados positivos é necessária a participação da família, não como especialista, mas alguém que se preocupa com a formação integral da criança como um todo.

Portanto, família e escola devem ser parceiros, estar em comunhão. Cada um com sua especificidade e ao mesmo tempo contribuindo para formar cidadão pleno que compreenda a realidade e consiga se governar no sentido de ser consciente, transformador, não só da sua vida como da sociedade e de todos que estão ao seu redor.

Gráfico 06: Porcentagem relacionada aos recursos mais utilizados na aula de leitura

Livros didáticos	7
Jornais e revistas	2
Livros literários	7
Outros	6



A maioria dos professores utilizam o livro didático e o literário, seguido de outros recursos, como ferramenta para o ensino da leitura. Uma pequena parcela optou por jornais e revistas. Nesta pergunta, o entrevistado poderia responder a mais de uma alternativa.

O trabalho com leitura exige dos professores mudança de hábitos, como a utilização de variados textos, bem como a adoção de práticas para trabalhar o conteúdo de forma lúdica e prazerosa, estimulando os dons intrínsecos a cada indivíduo em formação.

O educador não pode deixar transparecer para o aluno a sua sobrecarga de trabalho. O aprender precisa despertar na criança de forma mais leve, não existe fórmula mágica, a criança aprende brincando. Apesar de todas as crianças terem capacidade de aprendizagem, precisam ser estimuladas com muita alegria.

Temos que viver com mais suavidade. Aprender a rir de nossas tolices, comportamentos absurdos, manias, medos. Precisamos contar mais histórias. Os pais precisam ensinar a seus filhos criando histórias. Os professores precisam contar histórias para ensinar as matérias com o tempero da alegria e, às vezes, da lágrima. (CURY, 2003, p.132)

Ao trabalhar com leitura, o professor precisa pensar em estimular e aperfeiçoar os conhecimentos das crianças. O uso de textos diversos favorece o enriquecimento do vocabulário. Deve haver, sempre, momentos de reflexão de situações do dia a dia.

O professor precisa ser um sujeito pesquisador, observador, provocador de ideias através de hipóteses levantadas e testadas para compreensão do texto. Outro fator importante é descobrir as vocações das crianças. Surpreenda as crianças. Conte histórias que falem de sonhos.

Sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consigo provocar o educando no sentido de que preparo ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar com minha ajuda, com vistas a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo de que falo. Na verdade, meu papel como professor, ao ensinar o conteúdo a ou b, não é apenas de me esforçar para, com clareza máxima, descrever a substantividade do conteúdo para que o aluno o fixe. Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la na íntegra, de mim. Ele precisa se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça. É por isso, repito, que ensinar não é transferir conhecimento a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada a ver com a transferência do conteúdo e fala da dificuldade, mas, ao mesmo

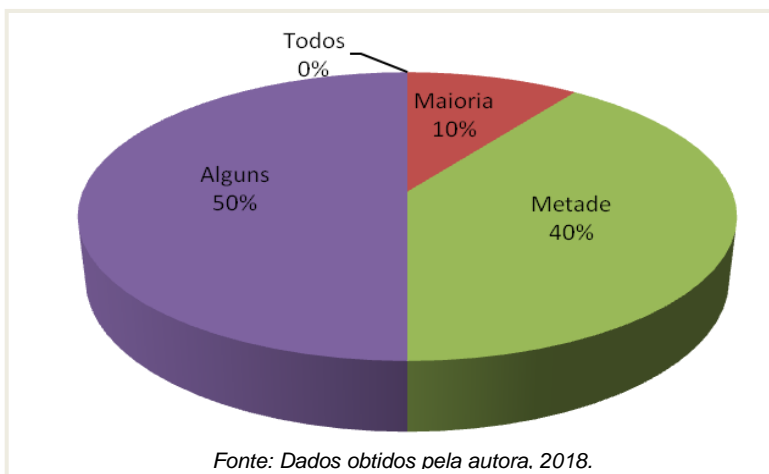
tempo, da boniteza da docência e da discência. (FREIRE, 2003, p.118-119)

Para que o professor alfabetizador tenha êxito no ensino é necessário resgatar o respeito e a confiança dos alunos, ser comprometido, estar atento à sociedade, ser confiante na capacidade das crianças, observar as dificuldades e o nível de aprendizagem de cada aluno. O profissional de educação precisa romper a concepção de transmissor de conteúdo e assumir na educação sua sabedoria docente.

Algumas atividades didáticas favorecem a análise e a reflexão sobre o sistema alfabético da escrita e a correspondência entre a fala e a escrita. Nesse sentido, Brasil (1997, p.82) diz que “Para aprender a ler e a escrever é preciso pensar sobre a escrita, pensar sobre o que a escrita representa e como ela representa graficamente a linguagem” É, portanto, por meio da prática pedagógica através de textos como quadrinhos, parlendas e canções que sabe de cores ou anúncios, embalagens comerciais, logotipos, são exemplos que permitem ao aluno imaginar o que está escrito, mesmo sem saber ler.

Gráfico 07: Porcentagem dos alunos que apresentam interesse pela produção de textos e o fazem de forma contextualizada e significativa

Todos	0
Maioria	1
Metade	4
Alguns	5



A metade dos profissionais entrevistados afirmaram que apenas “alguns” de seus alunos têm interesse pela produção de texto e o fazem de forma significativa e contextualizada.

É essencial estar atento às expectativas dos alunos, oportunizando-lhes momentos com variados textos escritos. Para que os textos produzidos pelos alunos tenham sentido é necessário, antes, motivá-los, encorajá-los a escrever, assim se conquista a habilidade da escrita.

São numerosas as ações desenvolvidas por meio da escrita, porém é imprescindível o treino, o esforço diário do aluno e do professor. O planejamento é o momento em que o educador dará seu empenho antes, durante e após a aula. O planejar pensando no desenvolvimento individual, nos níveis e dificuldades de cada aluno. É fundamental que o professor estude e compreenda a melhor metodologia para cada um dos textos a serem trabalhados.

Se o objetivo da aula é formar escritores competentes, capazes de expressarem opiniões, sentimentos e ideias, o professor deve proporcionar prática diária da escrita de acordo com o objetivo dos diversos tipos textuais. Cada gênero textual tem formas e características diferenciadas que precisam ser aprendidas, ainda que não se tenha o domínio da escrita.

Para aprender a escrever é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita por meio da alfabetização. Afinal, esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos de cultura escrita. (BRASIL, 1997, p.66-67)

O professor deve elevar a autoestima do aluno, acreditar na sua potencialidade, estimulando-o a acreditar na sua capacidade. Como a criança adora brincar, poderá usar a brincadeira, um jogo ou uma música para iniciar o assunto.

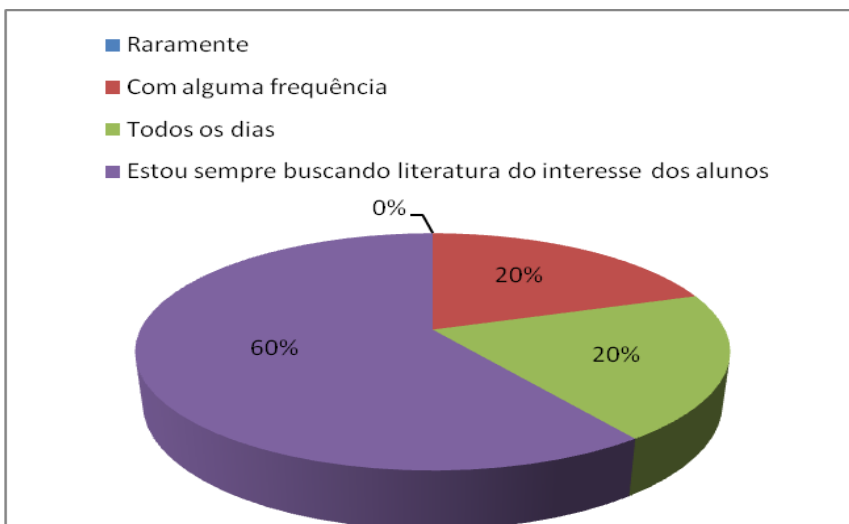
No início poderá ser feito texto coletivo usando o professor como escriba, após um tempo os alunos escreverão do seu jeito. O professor poderá

propor aos alunos produzirem desenhos relacionados ao assunto estudado, é também uma estratégia importante para a aprendizagem.

O professor continua orientando, planejando, indicando caminhos e questionando para aprimorar a escrita.

Gráfico 08: Porcentagem relacionada à frequência da leitura feita pelo professor de livros literários, artigos, histórias etc.

Raramente	0
Com alguma frequência	2
Todos os dias	2
Estou sempre buscando literatura do interesse dos alunos	6



Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

A maioria dos educadores respondeu estar sempre buscando literatura do interesse das crianças, outros, porém, leem todos os dias ou com pouca frequência.

A prática do professor requer mudanças no pensar e fazer. A maneira como penso o ensino da leitura repercute na forma de conduzi-lo. Sabe-se que para desenvolver habilidades são necessários o treino e o empenho. É certo que, muitas vezes, o aluno não aprendeu a ler porque faltou empenho do professor, mas o aluno precisa também se conscientizar de que seu empenho é imprescindível para se alcançar o êxito.

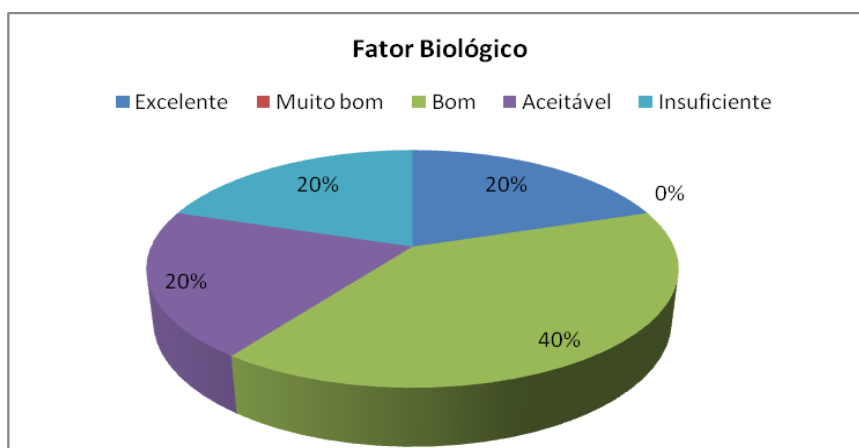
Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura- que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura. (BRASIL, 1997, p.58)

Cabe, portanto, ao educador despertar na criança o gosto pela leitura. É importante incentivar a criança ao treino para que se desenvolva gradativamente. O professor poderá também melhorar o ambiente escolar, ler diariamente para despertar o hábito da leitura, enfim, ser criativo e inovador. Caso o professor descubra o que exerce influência no aluno, poderá, através desta, traçar estratégias a favor do ensino da leitura.

Porcentagem relacionada ao que o professor acha determinante na aprendizagem de leitura e escrita de acordo ser o mais correto

	Excelente	Muito bom	Bom	Aceitável	Insuficiente
Fator biológico	2	0	4	2	2
Fator psicológico	2	4	2	1	1
Fator pedagógico	3	3	4	0	0
Família	2	4	0	3	1
Ambiente enriquecedor	1	3	3	1	2

Gráfico 09: Porcentagem relacionada ao fator biológico



Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

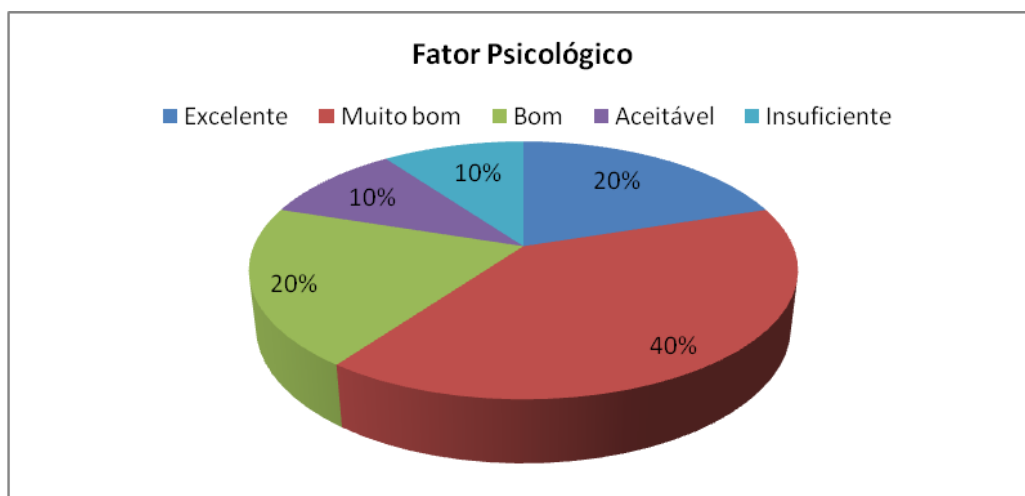
A maioria dos entrevistados considera a genética como sendo um fator importante na aprendizagem. Apenas 20% dos educadores consideram o fator biológico insuficiente como determinante na aprendizagem.

Percebe-se que o fator biológico contribui para a aprendizagem, porém o mais importante são os estímulos e comprometimento do educador. De nada adianta ter excelente memória se ela não for estimulada e exercitada. E isso é muito bom porque estimula o professor a buscar novos caminhos para melhorar o ensino. Nesse sentido, Pereira (2011) nos alerta que os estímulos de todos os neurônios respondem a uma capacidade de funcionamento.

É importante que quando percebemos que o aluno não está a perceber determinado conteúdo consigamos entender que é porque na verdade não encontrou referenciais para arquivar novas informações. Então cabe ao professor reestruturar a informação levando em consideração outros recursos importantes, porque há várias formas de aprender, logo há várias formas de ensinar. (PEREIRA, 2011, P. 16)

Portanto, é responsabilidade do professor inovar o ensino dentro das possibilidades, adequar o conteúdo dentro da realidade, levar para sala acontecimentos ocorridos, notícias de jornais, enfim, é o momento da criança perceber a importância dos estudos para compreender a vida. Agindo assim, o educador estará levando os alunos a saírem do senso comum e a pensarem a vida de uma forma diferente, com mais inteligência.

Gráfico 10: Porcentagem relacionada ao fator psicológico



Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

Quase a totalidade dos professores acredita que o fator psicológico é determinante no processo de aprendizagem.

O trabalho de leitura e escrita nos anos iniciais deve estar voltado às necessidades e expectativas das crianças, com o comprometimento de todos os envolvidos no processo. É importante conhecer a mente das crianças, purificar seus pensamentos, pois ensinar e aprender exigem mente e corpo saudável.

O palco da mente dos jovens de hoje é diferente dos jovens do passado. Os fenômenos que estão nos bastidores da mente deles e que produzem pensamentos não são os mesmos, mas os autores que estão no palco são distintos. A qualidade e a velocidade dos pensamentos mudaram. Precisamos conhecer alguns papéis da memória e algumas áreas do processo de construção da inteligência para encontrar as ferramentas necessárias e capazes de dar uma reviravolta na educação. (CURY, 2003, p.58)

Conhecendo a mente dos seus alunos, o educador poderá, inclusive, buscar respostas científicas e adequar metodologias para que satisfaçam suas necessidades.

O professor precisa estar atento às necessidades do corpo que precisa do exercício físico, do alimento e da água; e da mente (cérebro) que necessita de bons pensamentos e sono adequado. Às vezes, o aluno não compreende uma aula porque está sofrendo com pensamento ruim, ou não está dormindo o suficiente.

Assim, é preciso antes diagnosticar a causa para neutralizar e acabar com o sofrimento. É importante ressaltar, partindo da ideia de Bossa (2013), que os sentidos das aprendizagens é único e particular em cada um, e que vários são os fatores que podem prejudicar o investimento de energia necessário às aquisições escolares.

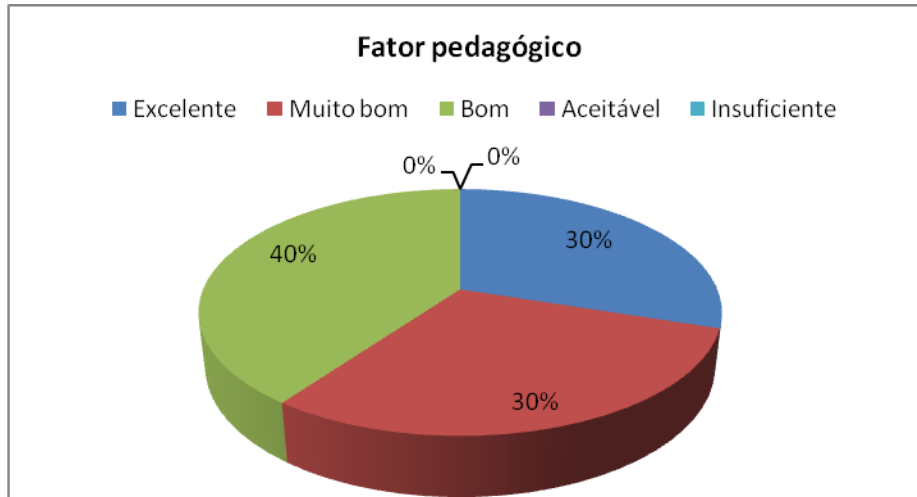
Acrescenta, ainda, que o professor não deve subestimar a relevância do processo ensino-aprendizagem e nunca desistir de procurar respostas.

Pais e professores precisam estar atentos ao que influencia a criança na escola, em casa, nas brincadeiras, na TV e nos livros que ler para poder orientar de maneira saudável e incentivar bons hábitos.

Enfim, o educador deve ter como essência em sua prática pedagógica o cuidado, o amor, o encorajamento, mostrando sempre o lado positivo não só com palavras, mas ações. A criança não tem maturidade cerebral, não sabe

discernir o certo do errado. Portanto, deve incentivar os educandos a se esforçarem para aprender e, para isso, é preciso dedicação.

Gráfico 11: Porcentagem relacionada ao fator pedagógico



Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

Todos os educadores entrevistados têm o fator pedagógico como determinante para o processo de ensino/aprendizagem.

O planejamento escolar é um caminho eficaz para se chegar ao resultado final, que é a aprendizagem. O momento do preparar a aula, a dedicação, o empenho, o processo da preparação, os textos, as atividades, a forma como o professor vai passar o conteúdo, o jeito de falar, de problematizar, de convencer os alunos, e também como diagnosticar a aprendizagem; tudo isso faz parte da pedagogia.

O professor tem um papel central e precisa ir além da transmissão do conteúdo, precisa despertar nos alunos sua vocação e usá-la a favor do ensino.

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido. (FREIRE, 2003, p.112-113)

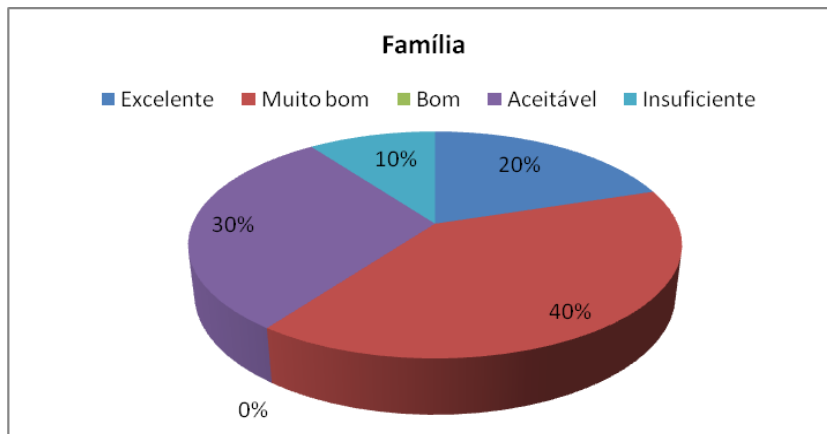
É necessário mudar a concepção do ensino focado no conteúdo. A educação deve priorizar o momento da análise e da reflexão, desde os

primeiros anos de escola. O dom do aluno deve ser incentivado e trabalhado diariamente.

Se o educador deseja mudar a realidade, deve resgatar o valor das regras, amar as regras e descobrir os seus benefícios para depois respeitá-las.

O processo de ensino/aprendizagem exige professor dedicado, atualizado, comprometido com a aula; bem como, de um aluno que se dedica aos estudos, atencioso, que estuda em casa. Isso é que faz a diferença no resultado final. O aluno não fracassa de um dia para o outro, se não aprendeu é porque não soube dedicar à aula e viver o momento de construção do conhecimento.

Gráfico 12: Porcentagem relacionada à família



Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

A maioria dos educadores entrevistados concorda que o comprometimento da família nos estudos das crianças é um fator determinante para o processo de aprendizagem.

A família é a primeira instituição a ensinar, sendo de fundamental importância na vida de qualquer ser humano. Uma das responsabilidades da família é ensinar valores éticos como disciplina, respeito, obediência, paciência, dentre outros que se encontram em cada um de nós, mas que precisam ser estimulados e incentivados.

Quando o filho não respeita os pais e estes nada fazem, ele se sente autorizado a desrespeitá-los. Isso dá poder ao filho, desencadeando inversão de valores.

Quando os pais fazem, mesmo por amor, deveres do filho, são antiéticos. Quem está sendo enganado? Quem é o principal prejudicado?

Quando os pais arrumam a bagunça do filho, estão criando um folgado. Não é ético ser folgado, porque há sempre um sufocado embaixo dele. Se o filho joga lixo no chão e a casa está limpa, o sufocado pegou esse lixo para ele. (TIBA, 2002, p.136)

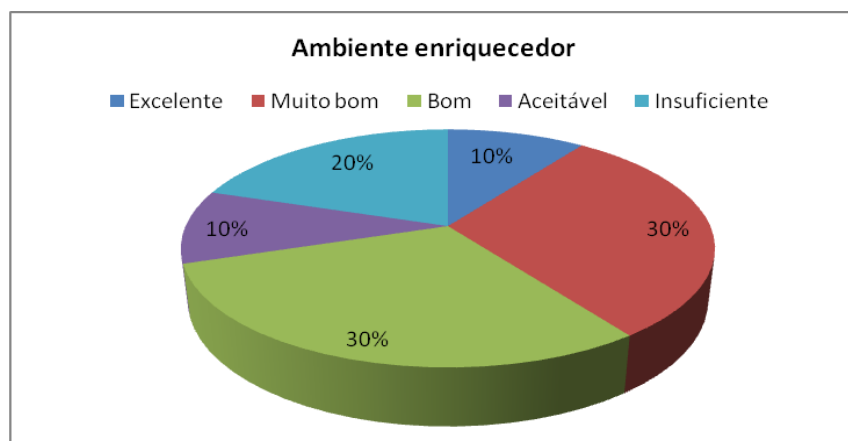
Uma das responsabilidades da família é cuidar e educar seus filhos para uma sociedade mais justa e igualitária. A família e escola precisam se unir e ser parceiros comprometidos com a educação, ambos necessários para formar cidadãos melhores no mundo. A escola deve atrair os pais não para dá informação e sim partilhar desafios e conquistas dessa tarefa de educar.

É preciso deixar de lado as cobranças e o que não deu certo, pois só posso mostrar os erros se tenho novos caminhos para chegar ao acerto. A sociedade mudou e a família ficou perdida com tantas leis e regras. Precisamos resgatar a autoridade da família, mas também da escola.

A família e a escola é a base da sociedade, precisam estar em comunhão, como um elo. É difícil a criança perceber a importância dos estudos se não os vê no seu cotidiano. Pensar a educação nessa perspectiva necessita de ações concretas com a família. É necessário despertá-la nas responsabilidades diferenciadas, uma contribuindo com a outra, a escola com seu conhecimento especializado e a família com a moral e os bons costumes.

O aluno precisa dos ensinamentos da família e da escola para compreender, de forma plena, sua função na sociedade.

Gráfico 13: Porcentagem relacionada ao ambiente enriquecedor



Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

Apesar da maioria dos entrevistados concordar que o ambiente enriquecedor é determinante na aprendizagem da leitura e escrita, um número significativo (20% dos educadores) acha insuficiente.

O ambiente enriquecedor muda a forma da aula mecânica para lúdica, da cópia para a criatividade, da expositiva para dialógica, da informação para compreensão, questionamentos para reflexão.

Quando a educação é construída pelo sujeito da aprendizagem, no cenário escolar prevalecem as novas formas de comunicação e construção de novas habilidades, caracterizando competências e atitudes significativas. Nos bastidores da aprendizagem há a participação, mediação e interatividade, porque há um novo ambiente de aprendizagem, reorganização dos papéis dos atores e co-autores do processo, desarticulação de incertezas e novas formas de interação mediadas pela orientação, condução e facilitação dos caminhos a seguir. (PEREIRA,2011, p.12)

Certamente, para obtenção de resultados concretos há necessidade de investimentos financeiros, mas, principalmente, romper com práticas arcaicas, como a do professor informativo, devendo adotar a postura de educador como orientador de novos saberes, com o compromisso de estimular o aluno a construir a sua autonomia cognitiva e emocional. O professor deve descobrir talentos e orientá-los à dedicação das suas habilidades.

O ambiente enriquecedor desenvolve uma série de habilidades, favorecendo a aprendizagem significativa e duradoura. Quanto mais rico o ambiente mais estímulos e possibilidades de aprender. “A consequência prática do conhecimento de que as células nervosas crescem e se modificam em resposta às experiências e aprendizagem enriquecedora é extraordinária” (PEREIRA, 2011, p. 20).

Enriquecer o ambiente de trabalho e estar em constante formação são atitudes do educador que muito colaboram com o processo de ensino/aprendizagem da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental.

4.2 Opinião dos Professores sobre as Questões Abertas do Questionário de Pesquisa

4.2.1 Os fatores que contribuem para a aprendizagem de leitura e escrita:

- Um ambiente acolhedor;
- Uma pedagogia interessante;
- Acompanhamento familiar;
- Acesso a diferentes tipos de textos (livros, revistas, contos, fábulas, histórias etc);
- Atividades lúdicas;
- Disciplina;
- Família apoiando;
- Esforço do aluno;
- Método certo;
- Processo cognitivo, psicológico, emocional, envolvimento da criança com a cultura letrada;
- Prática de leitura com significado;
- Trabalho com gêneros da literatura infantil;
- Interesse do aluno;
- Fatores pedagógicos;
- Ambiente escolar;
- Perfil do professor alfabetizador de verdade, que tenha paciência;
- Um ambiente alfabetizador com diversos tipos de textos expostos em sala;
- Participação ativa da família;
- Planejamento, motivação, incentivo, envolvimento, atividades motivadoras, estratégias, atendimento individualizado, estímulo à leitura em sala de aula.

4.2.2 Os fatores que atrapalham a aprendizagem de leitura e escrita:

- Sala de aula inadequada;
- Falta de assistência direta dos pais nas atividades escolares;

- Falta de apoio e ausência familiar;
- Falta de interesse do aluno e do professor;
- Metodologia inadequada ao ensinar;
- Diversidade de problemas como: sociais, psicológicos, cognitivos, vários níveis de aprendizagem, ausência nas aulas, falta de projeto para sanar o problema;
- Evasão escolar;
- Estrutura familiar;
- Material inadequado;
- Falta de criatividade do professor;
- Aulas monótonas sem utilização de recursos didáticos diferentes do livro didático, principalmente do tecnológico;
- Indisciplina;
- Falta de atenção;
- O ambiente familiar;
- Condições precárias de vida;
- Problemas emocionais.

4.2.3 As estratégias metodológicas mais utilizadas pelo professor no ensino de leitura e escrita:

- Leitura do alfabeto;
- Formação silábica;
- Formação de palavras;
- Atividades lúdicas;
- Textos diversificados, histórias, músicas, parlendas, poesias, textos literários, cruzadinha, caça-palavras, etc;
- Rodas de leitura todos os dias;
- Jogos;
- Brincadeiras;
- Leitura coletiva e individual de textos;
- Jogos da memória;
- Diversos gêneros textuais;
- Produções;

- Cantinho da leitura e oralidade;
- Reforço escolar;
- Cópia;
- Leitura silenciosa;
- Análise estrutural e fonológica;
- Processo que compreenda as unidades mínimas das palavras com reflexão para compreensão do grafema/fonema;
- Método tradicional;
- Ambiente alfabetizador.

CONCLUSÃO

Considerando os fatores analisados, pode-se compreender que a aprendizagem de leitura e escrita é necessária ao desenvolvimento intelectual, psicológico, social, emocional e físico da criança, é também, o momento para a aprendizagem de regras tão necessárias à vida em sociedade.

O tema dificuldade de leitura e escrita sempre foi bastante questionado nos encontros de planejamento escolar. Temos leis que garantem o Ensino Fundamental como dever do Estado, da sociedade e da família e o direito de toda criança com prioridade e qualidade. Porém, essa “qualidade” ainda é muito questionável.

A educação para acontecer, de fato, precisa de “todos pela Educação”, não se restringe só a pai, mãe e educadores, mas a todos que circundam a criança.

Com a conquista da mulher no mercado de trabalho, houve profundas mudanças na instituição familiar. Não que isso seja ruim, mas filho precisa ser amado e cuidado todos os dias para que cresça como pessoa saudável e capaz de amar e ser amado. É preciso rever essas mudanças para traçarmos melhores caminhos para a escola.

Algumas leis, na ânsia de defender os interesses dos menores, acabam prejudicando sua educação. Hoje, o pai já não pode dar uma “palmada” no filho, e isso acaba gerando indisciplina e falta de respeito para com o professor. É preciso resgatar a autoridade da família, pois ela é a primeira instituição a ensinar valores fundamentais para a vida, como o amor, respeito, solidariedade, honestidade e limites.

Nesse aspecto houve retrocessos, uma vez que ensinamentos que eram atribuição da família passou a ser da escola, e isso comprometeu o ensino. Muitas vezes, o aluno chega à escola com tantas carências: emocional, psicológica, moral, afetiva e falta de limites, que o professor deixa de ensinar leitura e escrita para ensinar valores, regras tão necessárias quanto aprender a ler e escrever.

A escola precisa trabalhar em sintonia com a família para que juntas possam, efetivamente, proporcionar uma educação de qualidade às crianças.

A Educação Infantil também tem o dever de priorizar o ensino dos valores humanos às crianças, como gostar de si mesma e desenvolver a autoestima, num ambiente onde possa ouvir, falar, observar, se colocar no lugar do outro, entre outros.

A dificuldade na escola também inclui fatores externos e o professor precisa estar atento à família da criança para buscar alternativas para o seu desenvolvimento emocional, social, psicológico, formação da autoestima e autonomia. Desta forma será possível ensinar, de maneira prazerosa, a leitura e a escrita.

Este estudo minucioso buscou uma análise pormenorizada das dificuldades encontradas no ensino/aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Foi feito um levantamento bibliográfico com reflexões em torno do assunto, pesquisou-se as origens, foi feita análise dos gráficos e tabelas através dos dados obtidos na pesquisa de campo, houve diálogo com diversos autores sobre a importância da aprendizagem escolar na vida das crianças e as implicações no processo de aprendizagem.

As hipóteses levantadas foram comprovadas, surgiram novas reflexões e respostas para melhor entendimento do problema estudado: Quais as dificuldades de leitura e escrita nos anos iniciais?

- 1- A metodologia inadequada dificulta a aprendizagem escolar;
- 2- A falta de motivação e pouca estimulação prejudica o rendimento escolar;
- 3- Os fatores sociais, psicológicos, emocionais auxilia ou prejudica o desenvolvimento intelectual do sujeito;
- 4- Alimentação inadequada prejudica a aprendizagem escolar;
- 5- O desinteresse da família com a vida escolar do filho contribui de forma negativa, pois é a primeira instituição a ensinar valores e regras tão importantes para a vida em sociedade;
- 6- O sono inadequado desfavorece a aprendizagem escolar porque só depois de horas de sono profundo é que aprendemos de fato.

A falta de oportunidades, de motivação e ausência de prática diária de leitura e escrita são fatores que contribuem para os problemas de aprendizagem no contexto educacional. Eles estão em toda parte das

sociedades, porém nas classes populares ocorrem com mais frequência porque não tem modelos de leitores em casa.

Independente de classe social, cor ou religião, as crianças podem desenvolver problemas emocionais, como traumas, principalmente aquelas que vivem em contextos desfavoráveis ao seu desenvolvimento cognitivo e intelectual.

A dificuldade de aprendizagem de leitura e escrita é um problema que afeta os diversos níveis de ensino, mas particularmente nos anos iniciais. Esta etapa de ensino é a que mais precisa de profissionais que tenham paciência, cuidado, atenção, dedicação e comprometimento para com as crianças, pois nessa fase as suas escolhas são determinadas pela família e/ou escola. As crianças devem fazer as escolhas certas. Somos frutos de nossas escolhas.

A pesquisa revelou fatos importantes em relação a Educação Fundamental das séries iniciais. Os professores demonstraram, em suas respostas, preocupação com a metodologia, a realidade do aluno, a aprendizagem significativa, entre outros fatores.

Alguns fatores podem melhorar a qualidade da instituição escolar e do ensino, como: o estudo em casa, a formação continuada dos professores, um plano de carreira que valorize sua formação, a estrutura física das escolas, um ambiente enriquecedor que estimule a brincadeira, a contação de história e o prazer de estar ali, entre outros.

O planejamento escolar, além de atender a seus objetivos específicos, deve também ser um momento para troca de experiências e afetos entre colegas, deve estimular o resgate da autoridade dos professores e pais de alunos.

A busca de uma alfabetização de qualidade pressupõe uma preocupação com as questões sociais, políticas, morais, intelectuais e principalmente uma educação voltada aos valores humanos, atendimento ao espaço físico, materiais adequados à faixa etária nas diferentes modalidades de atendimento, ou seja, no 1º, 2º e 3º ano, período da alfabetização.

Este trabalho me proporcionou uma rica experiência no que se refere ao processo de ensino/aprendizagem. Pude refletir sobre conceitos e pré-conceitos das dificuldades no ensino/aprendizagem de leitura e escrita, adquiri

novos conhecimentos que envolvem professor, aluno, cérebro, pensamento, sentimento, emoção, neurociência, educação e psicopedagogia.

Toda criança possui capacidade cognitiva para aprender a ler e a escrever. Cabe ao educador estimulá-la para que desenvolva suas faculdades intelectuais.

Atualmente, a neurociência tem dado muitas respostas a problemas relacionados à dificuldade de aprendizagem. Articular neurociência e educação é uma estratégia de grande importância no processo ensino/aprendizagem. É importante que o educador conheça melhor a estrutura cerebral e como funciona, para melhor compreender o universo da criança. Esse conhecimento revolucionou a forma como concebia muitos dos problemas relacionados à dificuldade de aprendizagem, inclusive permitiu-me aprofundar o estudo dos teóricos da educação com bases científicas.

A neurociência não é uma nova metodologia, nem tão pouco uma fórmula mágica, mas é uma ferramenta que faz entender o sistema cerebral e buscar soluções para os problemas de aprendizagem. Esse conhecimento enriquece a teoria e prática do professor e desperta a criatividade para fazer escolhas certas, buscando sempre ativar as áreas do cérebro através de atividades diversas.

Na relação professor aluno deve existir um clima amistoso. O alfabetizador precisa ser um motivador, semeador de ideias, otimista e ensinar as regras e seu valor para que possa internalizá-la e se tornar livre para fazer escolha certa. Na aula o professor favorece a compreensão do conteúdo. Mas para aprender, de verdade, o aluno precisa ser ativo e solitário durante o estudo da aula.

Isto posto, professor e aluno constituem seres coerentes com sua forma de ser e pensar. É preciso despertar no professor um ser pesquisador com desejo de conhecer seus alunos para entendê-los e buscar o melhor caminho para ensinar os conteúdos e expandir seus conhecimentos.

Na maioria das vezes, os problemas de aprendizagens não são resolvidos porque o professor foca no ensino e esquece de ensinar o aluno a estudar em casa. São dois momentos que ocorrem em tempos diferentes. Aula é para entender, e estudo é para aprender, e o sono é para fixar. Isso acontece

todos os dias. É necessário resgatar o estudo diário e a autoridade de pais e professores.

O professor deve ser um eterno pesquisador da vida dos seus alunos. Conhecer para compreender. Não pode o professor preocupar-se só com o conteúdo e se esquecer de que a aprendizagem depende da descoberta da essência do ser humano, isto é, do equilíbrio emocional.

Finalizando, ressalto que os resultados desta pesquisa serão discutidos e apresentados a todos os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem das crianças do Município de Carinhanha-BA, com um novo olhar, uma nova forma de pensar, na perspectiva de que atualizar os conhecimentos deve ser uma dinâmica de todo professor.

Espero que este trabalho sirva de ponto de partida para novos pesquisadores, bem como, que possa contribuir na solução dos mais diversos problemas de ensino/aprendizagem presentes nas escolas brasileiras.

RECOMENDAÇÕES

Considerando que toda criança possui capacidade cognitiva para aprender a ler e a escrever, o educador deve entender a dificuldade de aprendizagem como um evento natural, cuja causa precisa ser diagnosticada para que o problema seja solucionado. Dificuldade é um sintoma que tem várias origens, assim como a febre, tem que descobrir o motivo dessa dificuldade para que se administre o remédio correto, combatendo a origem do problema.

O professor deve pensar e agir na sua prática conforme o desenvolvimento biológico, cronológico e cognitivo de cada criança, bem como a subjetividade do educando. É necessário ter como ponto de partida o “ser aluno” e como chegada os “conteúdos”, pois, o discente só aprende o que tem sentido para ele.

É importante que o professor diversifique suas atividades curriculares, criando um ambiente para: leitura oral, silenciosa, compartilhada, escrita, lúdico, brincadeiras e histórias. Deve ser criada uma rotina diária onde os alunos aprendam a ouvir e a falar dos seus medos, sonhos e desejos.

Toda escola deveria ter à sua disposição pelo menos um psicopedagogo, pois este é um profissional especializado para a prevenção, o diagnóstico e o tratamento de problemas ligados à aprendizagem escolar. Além da pedagogia e psicopedagogia, o profissional da educação deve ainda, quando necessário, buscar respostas das dificuldades de aprendizagem em áreas como a neurociência, psicanálise, psicolinguística, e afins. Através dessas áreas, é possível encontrar melhores métodos de ensino e adaptá-los de acordo com o funcionamento cerebral da criança, ativando áreas específicas do seu cérebro.

Deve-se, ainda, resgatar a tarefa de casa como um reforço da aula, para que a criança possa, de fato, ampliar e fixar os conteúdos administrados em sala de aula. Afinal, aula é para entender, e estudo é para aprender e ampliar os conhecimentos.

Por fim, partindo da premissa de que o conhecimento não é um produto pronto e acabado e que a Educação é direito de todos e dever do Estado e da família, cabe-nos despertar na família a consciência da sua co-responsabilidade na Educação dos seus filhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOLA, Camila Fernandes Dourado et all. **Metodologia de Alfabetização e letramento em turmas do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental**. V. 4, edição numero 22, de outubro de 2015 a março de 2016.

BOSSA, Nádia A. **Dificuldade de Aprendizagem: O que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: Artmed, 2013.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série**. Brasília, 1997.

COSTA, Flávia Elizabeth Machado et all. **A Neurociência como mediação à intervenções pedagógicas privilegiando os anos iniciais da educação**. Universidade do Estado do Pará, sem ano.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes e Professores fascinantes**. 10 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2 ed. São Paulo. Atlas, 1985.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21 ed.. Petropolis, RJ. Vozes, 2002.

DEVECHI, Catia Piccolo Viero; TREVISAN, Amarildo Luiz. **Artigo sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação positividade ou simples decadência?** Revista brasileira de Educação V.15 n.43, jan/abr.2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI escolar**. 4ª ed. FNDE/PNLD, 2001.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª Ed. São Paulo. Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo, UNESP, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo. Atlas, 2002.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo. Atlas, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de Pesquisar**. 8ª Ed. Rio de Janeiro:Record, 2004.

LAKATOS, Eva Maria. Marconi, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo. Atlas, 2003.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho Científico**. 4 ed. São Paulo. Atlas, 1992.

LAKATOS, Eva Maria e Marconi, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEMLE, Mirian. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo. Ática, 1989.

MACHADO, Ângelo; Haertel, Lúcia Machado. **NeuroAnatomia Funcional** 3ª ed. Atheneu, 2013.

MARTINS, Maria das Graças Maia. Dificuldade. **Dificuldade da Leitura e Escrita nas Series Iniciais do Ensino Fundamental**. 22 ed Guarabira: UEPB, 2014.

NUNES, Cláudio Pinto. **Ciências da Educação e Prática Pedagógica. Sentidos atribuídos por estudantes de Pedagogia**. Ijuí: ed. Unijuí, 2011.

OLIVEIRA, Inês B. **Currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et all, 2012.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículo e Processos de Aprendizagem ensino: Políticaspráticas Educacionais Cotidianas**. Currículo sem fronteira, V.13, n.3, p. 375-391, set/ dez, 2013.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011. 72 P.: il.

PEREIRA, Rafael Silva. **Programa de Neurociência Intervenção em Leitura e Escrita**. 1ª Ed. Viseu: PsicoSoma, 2011.

PIAZZI, Pierluigi. **Aprendendo Inteligência: manual de instruções do cérebro para alunos em geral**. 2 ed. ver- São Paulo: Aleph, 2008.

PIAZZI, Pierluigi. **Ensinando inteligência: manual de instruções do cérebro do seu aluno**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia Científica: [recurso eletrônico] métodos e técnicos de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, Alexandro Luiz dos. **A Neurociência e a Educação: Como nosso Cérebro aprende?** Ouro Preto- MG, 2016.

SANTOS, Honorato Ribeiro dos. **Carinhanha de ontem e de hoje**. V.5, sem ano.

SILVA, Edna Lúcia da et all. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4 ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura do professor, leitura do aluno: Processos de formação continuada**. UNESP- Presidente Prudente. Disponível em: www.unesp.br

TIBA, Içami. **Quem ama, educa**. São Paulo: Editora gente, 2002.



FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO DE PESQUISA. PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS INICIAIS

Local da pesquisa: Escola Municipal de Carinhanha-BA

Data da Pesquisa: ____/____/____

Prezado Professor, você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: DIFICULDADE DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE CARINHANHA, realizada por JOSEMERY ALKMIM VIEIRA DE BRITO, pesquisadora do Mestrado em Ciências da Educação da FICS – Faculdade Interamericana de Ciências Sociais.

A pesquisa tem como objetivo analisar as dificuldades de leitura e escrita do ensino fundamental I, da Cidade de Carinhanha.

Antecipo que em nenhum momento o seu nome será revelado e que sua identidade seja mantida em sigilo. Os dados aqui colhidos serão usados exclusivamente como fonte de dados e execução da referida pesquisa.

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

1) Na sua prática pedagógica, a metodologia baseia-se na realidade do aluno?

sim não

2) Quantos de seus alunos leem porque gostam:

Todos a maioria metade deles menos da metade

3) Quantos de seus alunos leem porque se sentem obrigados?

Todos a maioria metade deles menos da metade

4) Qual/is é/são a(s) a(s) maiores dificuldade(s) encontrada(s) no trabalho de leitura e escrita?

- Falta de interesse dos alunos
- Falta de motivação pela escola
- Falta de recursos
- Ausência da família

5) Quanto à participação dos pais na escola, quantos participam?

Todos a maioria deles metade deles alguns

6) Quais os recursos são mais utilizados no seu trabalho com leitura?

livros didáticos jornais e revistas livros literários outros

7) Quantos de seus alunos apresentam interesse pela produção de textos e o fazem de forma contextualizada e significativa?

Todos a maioria deles metade deles alguns

8) Com que frequência você, professor, lê livros literários, artigos, histórias etc?

- raramente com alguma frequência todos os dias
 Estou sempre buscando literatura do interesse dos alunos

9) O que você professor acha determinante na aprendizagem de leitura e escrita? Enumere de acordo a opção mais correta;

5: excelente 4: muito bom 3: bom 2: aceitável 1: insuficiente

- fator biológico
 fator psicológico
 fator pedagógico
 família
 ambiente enriquecedor

10) Quais os fatores que contribuem para as aprendizagens de leitura e escrita?

11) Quais os fatores que atrapalham a aprendizagem de leitura e escrita?

12) Quais as estratégias metodológicas mais utilizadas por você para ensinar a ler e escrever nos anos iniciais?